

DA "GEOGRAFIA DA MODERNIDADE" À "MODERNIDADE DA GEOGRAFIA": A ANIQUILAÇÃO DO ESPAÇO PELO TEMPO E O PROJETO RITTERIANO DE UMA GEOGRAFIA "MAIS" CIENTÍFICA

Leonardo Arantes

Conferir à Geografia um tratamento, por assim dizer, "mais" científico foi a tônica – tal como sintetizado no próprio subtítulo de sua obra-síntese – do esforço empreendido pelo educador e geógrafo alemão, professor da primeira cátedra de Geografia na Universidade de Berlim, Carl Ritter (1779-1859).

A considerar as importantes pistas fornecidas por Alfred HETTNER (1927: 84) em sua grande obra *"Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden"*, um dos tratados que compõem aquela obra-síntese ritteriana, *"Über das historische Element in der geographischen Wissenschaft"* (Sobre o elemento histórico na ciência geográfica) – que apresentamos a seguir vertido diretamente do original alemão para a língua portuguesa –, deveria mesmo ser considerado como o mais significativo no tocante à concepção de Geografia de Carl Ritter, e cuja leitura detalhada nenhum geógrafo, nos dizeres de Hanno BECK (1979: 121), jamais deveria se poupar. Mais do que isto, este tratado representaria – juntamente com o *"Essai sur la géographie des plantes, accompagné d'un tableaux physique des régions équinoxiales"* de seu amigo Alexander von Humboldt, publicado em 1805 e parcialmente reelaborado em versão alemã como *"Ideen zu einer Geographie der Pflanzen nebst einem Naturgemälde der Tropenländer"* em 1807 –, um pensamento geográfico de transição, um verdadeiro ponto de inflexão que reflete o deslocamento progressivo do discurso geográfico desde uma episteme clássica para uma episteme moderna.

Evidentemente que, justamente por este caráter de transitividade, muitos irão considera-los como os últimos representantes de uma Geografia que já não mais existe, enquanto tantos outros os verão como os precur-

sores, fundadores ou mesmo pais de uma assim chamada Geografia moderna. A despeito destas divergências de interpretação, veremos em ambos, de fato, elementos tradicionais e modernos coexistindo e mesmo disputando espaço dentro do campo de forças que constituem suas ideias.

Mas antes de nos voltarmos para a sua contribuição propriamente dita, pensamos ser relevante apreendermos, em primeiro lugar, ainda que sucintamente, os contextos de produção, divulgação, difusão e recepção, nos quais este texto ganha vida, torna-se público, dissemina-se e é absorvido, incorporado ou simplesmente ignorado pela comunidade de geógrafos que se expande após a morte de seu autor.

O contexto de produção

Sem dúvida, o contexto de produção no qual *"Sobre o elemento histórico..."* ganha vida é relativamente complexo e engloba três dimensões distintas, porém, intercambiáveis, cujo peso e grau de influência nem sempre podem ser facilmente mensurados, quais sejam:

- 1) a esfera das lutas concretas em meio as quais um dado campo do saber é construído, disputado, apropriado e instrumentalizado;

- 2) o campo de forças de ideias mais gerais que perpassam, dialogam e dão suporte àquelas lutas concretas;

- 3) o âmbito das disputas internas, sejam elas teóricas, conceituais e/ou metodológicas, inerentes ao campo do saber e que procuram conferir-lhe fundamentação e legitimidade.

Na primeira esfera, seu contexto de produção é marcado pela reorganização política e geopolítica – no pós-guerras napoleônicas – do continente europeu em geral e dos territórios germânicos em especial, promovida a partir do Congresso de Viena de 1815, que culminou em nível local com a criação da “*Deutscher Bund*” (Confederação Germânica) sob a liderança do império austríaco, naquele período que os alemães costumam designar de *Biedermeier*. A despeito da presença marcante das forças conservadoras e autoritárias hegemônicas que frustravam qualquer possibilidade de uma revolução política e industrial burguesas no seio do mundo germânico, as reformas do ensino elementar, técnico e universitário, ao contrário, acabaram por promover um desenvolvimento bastante democrático, aberto e amplo do sistema educacional germânico (WEHLER, 1987: 504). Não apenas a universidade de Berlim – onde Ritter viria a assumir, a partir de 1820, a primeira cátedra de Geografia universitária – seria (re)fundada pelo irmão mais velho de Alexander von Humboldt neste período, como também algumas sociedades científicas, dentre as quais aquela que Ritter iria presidir desde a data de sua fundação em 1828 até a sua morte em 1859, ou seja, por mais de três décadas: a “*Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*” (Sociedade de Geografia de Berlim). De modo que, ao mesmo tempo em que suas atividades estavam voltadas, no âmbito da universidade, para a pesquisa e o ensino de Geografia a um público mais restrito de estudantes que almejavam, em sua maioria, tornar-se professor no ensino elementar e funcionário da burocracia estatal, no âmbito da sociedade geográfica elas se dirigiam ao fomento de iniciativas de viagens de exploração e pesquisa, à divulgação e à difusão de ideias, saberes e conhecimentos geográficos de interesse de um público mais amplo, formado não apenas por homens de Estado, seja da burocracia estatal, seja da defesa militar, mas igualmente por homens da burguesia mercantil e industrial, sedentos por informações geográficas que os levassem aos melhores mercados existentes (de produtos, matérias-primas, mão-de-obra, de consumo etc.). Sem nos esquecermos, obviamente, que suas raízes, e a preocupação de todo o seu projeto de Geografia sempre esteve atrelado à formação mais elementar, à qual ele havia dedicado a maior parte de sua vida até então, antes de se tornar professor universitário, embora até o fim sempre inspirado nos princípios pestalozzianos¹.

No que tange ao campo de forças de ideias mais gerais, no qual se deu o seu contexto de produção, pode-se afirmar que as reflexões de seu colega de universidade Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) haviam

mesmo predominado no ambiente intelectual da época, apesar de suas mais distintas interpretações e apropriações. Sobretudo suas ideias referentes ao Direito e ao Estado, para ele, encarnação maior da razão, do espírito absoluto, bem como a dimensão temporal como elemento fundador da modernidade, estavam muito em voga naquele momento e se tornaram o centro da disputa entre intelectuais hegelianos de direita e de esquerda. Mas também sua filosofia da história, cujas famosas preleções foram ministradas de 1822 até 1831, ano de sua morte, é de especial importância aqui. Nelas, HEGEL (1995: 67-73) defende que,

“a história universal (*Weltgeschichte*) é, de maneira geral, a exteriorização do espírito (*Geist*) no tempo (*Zeit*), enquanto a natureza (*Natur*) é o desenvolvimento da ideia (*Idee*) no espaço (*Raum*).” (...) “O contexto natural (*Naturzusammenhang*) que ajuda a construir o espírito de um povo (*Volksgeist*) aparece como um elemento extrínseco, quando contrastado à universalidade do todo moral e à unidade da individualidade que é o seu princípio ativo. Mas, na medida em que devemos considerá-lo como o solo (*Boden*) no qual o espírito atua, ele é um fundamento essencial e necessário. Partimos da afirmação de que, na história universal, a ideia do espírito se mostra, em sua forma atual, como uma série de formações externalizadas, cada uma apresentando-se como um povo realmente existente. Essa existência encaixa-se, tanto no tempo quanto no espaço, no modo de ser natural (*Weise natürliches Seins*); e o princípio específico que todo povo histórico (*welthistorisches Volk*) carrega consigo existe, ao mesmo tempo, como determinidade da natureza (*Naturbestimmtheit*) dentro de si. O espírito, que se reveste dessa naturalidade, permite que as suas formações particulares se separem, pois a separação é a forma natural da existência. Essas diferenças da natureza (*Naturunterschiede*) devem, antes de mais nada, ser consideradas como possibilidades específicas (*besondere Möglichkeiten*) – das quais surge o espírito do povo em questão –, e entre elas se encontra o fundamento geográfico (*geographische Grundlage*). Não estamos preocupados, aqui, em conhecer o solo ocupado por um povo como um mero local exterior, mas como o tipo de localidade natural ao qual estão estreitamente ligados o tipo e o caráter do povo (*Typus und Charakter des Volkes*), que é filho desse solo. Esse caráter é exatamente o modo como esses povos surgem na história universal e assumem um lugar (*Platz*) e uma situação (*Stellung*). A natureza não deve ser nem superestimada nem subestimada” [tradução reelaborada].

No fragmento exposto, fica clara a importância conferida por Hegel ao “elemento geográfico” dentro da *Weltgeschichte*. Mas, como o próprio Hegel ressalta, sua preocupação não reside no conhecimento do lugar em si, onde um dado povo se desenvolve, mas apenas na medida em que aquele lugar está de certo modo projetado no espírito desse povo. A partir destas reflexões mais gerais, Hegel realiza uma série de ilações para justificar a sua posição em defesa da supremacia da razão e da *Weltgeschichte* centradas no mundo europeu. Em seguida, busca “estabelecer diferenciações geográficas mais

¹Sobre esta última dimensão, ver nossa apresentação (ARANTES, 2016) ao texto de Ritter (2016[1805]) que traduzimos e publicamos neste mesmo periódico sob o título “*Algumas observações sobre o ensino metódico da Geografia*”.

específicas, essenciais e racionais, ao contrário da variedade das circunstâncias meramente acidentais" (HEGEL, 1995[1822-1831]: 80), quais sejam, 1) o planalto; 2) a região de vale e 3) a região litorânea, três elementos geográficos essenciais, cada qual com sua contribuição específica para a história universal. Assim, os planaltos seriam fechados em si, mas capazes de enviar impulsos para o resto do mundo; as regiões de vale e suas planícies férteis seriam o cenário das civilizações, porém com autonomia limitada e, por fim, as áreas litorâneas, de águas que separam, seriam meios potenciais necessários para a união mundial. Todo o seu olhar gravitando, não nos esqueçamos, sempre em torno da *Weltgeschichte*.

O terceiro e último âmbito, em resposta ao qual o presente texto vem à luz, foi marcado sobretudo por uma das principais controvérsias metodológicas da Geografia do século XIX. Trata-se do embate estabelecido entre Julius Fröbel e Carl Ritter, contemplado por Richard Hartshorne (1939) e Georg Thatam (1951) e esmiuçado por Hanno Beck (1961).

Dois anos antes da publicação do texto aqui em questão, Ritter havia sido atacado de maneira contundente por um de seus alunos, um jovem promissor chamado Julius Fröbel, em artigo intitulado "*Einige Blicke auf den jetzigen formellen Zustand der Erdkunde*"². Neste embate, Fröbel defendia a ideia de que

"nenhuma ciência teria, na unidade mais completa de seu objeto, um campo maior, e unificando teorias das mais variadas espécies, do que a Geografia e, por isto, em nenhuma delas a determinação clara e nítida do seu conteúdo e de sua extensão bem como de um método necessariamente regrado poderia ser mais visível do que nela; e, todavia, o seu tratamento havia sido abandonado quase que completamente ao arbítrio..." (Fröbel apud. Beck: 1961, p. 114)

A Geografia seria, para Fröbel, uma ciência natural pura e apenas as relações de causalidade, jamais a teleologia, deveria estar no centro de suas atenções. Daí sua refutação de uma Geografia antropocêntrica, tal como a advogada, segundo ele, por Ritter, defendendo que apenas a atuação humana como um todo sobre a superfície terrestre deveria ser levada em consideração.

Fröbel criticava também a qualificação de Geografia de Ritter como "*vergleichende*" (comparativa), uma vez que, para ele, este termo seria supérfluo, haja vista a inexistência de uma tal ciência que não procedesse comparativamente; recusava também a ideia ritteriana de "indivíduo geográfico", a qual poderia apenas designar, para a ele, a Terra como um todo e em relação aos demais corpos celestes, jamais um país ou continente,

posto serem estes, do seu ponto de vista, apenas uma parte daquele todo.

Toda essa série de problematizações e contradições apontada pelo jovem Fröbel parece ter incomodado demasiadamente a Ritter, que deu a Berghaus sua anuência para que fossem publicadas, mas que prontamente se pôs a contra-atacá-la. A primeira resposta de Ritter aos questionamentos, objeções e ataques levados a cabo por Fröbel viria com a publicação de sua réplica àquela crítica, simultaneamente, no próprio volume do periódico editado por Berghaus; mas, no ano seguinte, contudo, Fröbel publicaria, ainda no mesmo periódico, um segundo tratado "*Über die Unterscheidung einer Erdkunde als eigentlicher Naturwissenschaft und einer historischen Erdkunde*"³, no qual reconsidera seu posicionamento e admite haver dois modos distintos de conceber a Geografia: a Geografia como ciência da natureza e Geografia histórico-filosófica, distintas sobretudo pelo método, a primeira seguindo um caminho analítico, enquanto a segunda, um percurso sintético.

Ritter, por sua vez, vinha trabalhando desde 1813 na elaboração de sua grande obra inacabada "*Die Erdkunde im Verhältnis zur Natur und zur Geschichte des Menschen, oder allgemeine vergleichende Erdkunde, als sichere Grundlage des Studiums und Unterrichts in physikalischen und historischen Wissenschaften*" (A Ciência da Terra em relação à natureza e à história do ser humano ou Ciência da Terra geral comparativa, enquanto fundamento seguro do estudo e ensino em ciências físicas e históricas), publicada em 19 tomos distribuídos em 21 volumes, o último dos quais publicado no ano de sua morte. Seu primeiro volume, dedicado ao continente africano, viria a público em 1817, sendo fortemente retrabalhado e ampliado em seguida para dar à luz a segunda edição em 1822, na qual alguns tratados teórico-metodológicos introdutórios à sua *Erdkunde* apareceriam pela primeira vez. Já o segundo tomo, sobre a Ásia, viria a ser publicado em 1818 e igualmente retrabalhado e ampliado para a segunda edição publicada em 1832, sucedida um ano mais tarde pela publicação do terceiro tomo, também sobre a Ásia.

De modo que este período, marcado por grandes transformações na geografia e na geopolítica concretas do globo, pela *Weltgeschichte* de Hegel e, por fim, pela quase ausência de reflexão teórico-metodológica acerca do campo da Ciência Geográfica e cujo representante maior, ao lado de Alexander von Humboldt, havia sido fortemente confrontado por um jovem aluno, mostrou-se extremamente oportuno para que ele, Carl Ritter, em

²FRÖBEL, J. "*Einige Blicke auf den jetzigen formellen Zustand der Erdkunde*" (Alguns olhares sobre o atual estado formal da Geografia) In: BERGHAUS, H. (org.) "*Annalen der Erd-, Völker- und Staatenkunde*". Vol. 4., 1831, p. 493-506.

³FRÖBEL, J. "*Über die Unterscheidung einer Erdkunde als eigentlicher Naturwissenschaft und einer historischen Erdkunde*" (Sobre a distinção entre uma Ciência da Terra enquanto ciência natural genuína e enquanto Ciência da Terra histórica) In: BERGHAUS, H. (org.) "*Annalen der Erd-, Völker- und Staatenkunde*". Vol. 6. 1832, p. 2-3.

paralelo à elaboração de sua grande obra, se pusesse a refletir filosoficamente sobre o seu campo disciplinar.

O contexto de divulgação

Publicado pela primeira vez em 1835⁴, “*Sobre o elemento histórico...*” havia sido lido publicamente por Carl Ritter em 27 de janeiro de 1833⁵, durante a reunião pública da “*Königlich-Preußische Akademie der Wissenschaften*” (Real Academia Prussiana de Ciências), por ocasião das comemorações do aniversário de Frederico II, que contou com a presença do rei prussiano Frederico Guilherme III, reunião esta secretariada por ninguém menos do que o pai da hermenêutica Friedrich Schleiermacher, Ritter sendo sucedido, em sua conferência, por seu colega de universidade e uma das maiores autoridades científicas de sua época, Christian Gottfried Ehrenberg.

Mas, dadas as dificuldades de acesso a tal tratado por conta da pequena tiragem da publicação onde fora primeiramente tornado público, e frente a necessidade do autor de sintetizar seu pensamento geográfico exposto em sua obra monumental de 19 volumes, Ritter decide então publicar uma coletânea-síntese de suas ideias, no ano de 1852, sob o título “*Einleitung zur allgemeinen vergleichenden Geographie, und Abhandlungen zur Begründung einer mehr wissenschaftlichen Behandlung der Erdkunde*” (Introdução à Geografia geral comparativa, e tratados para a fundamentação de um tratamento mais científico da Ciência da Terra).

É, portanto, como terceira parte do terceiro capítulo desta obra-síntese ritteriana que, quase duas décadas após sua primeira publicação, “*Sobre o elemento histórico...*”⁶ é reproduzido e está pronto para ganhar a atenção de um público maior.

O contexto de difusão e recepção

Mas, então, por que este texto parece ter sido tão negligenciado em diferentes momentos e contextos histórico-culturais?

Embora não haja uma resposta simples a tal questão,

⁴Ritter, C. *Über das historische Element in der geographischen Wissenschaft*. In: *Abhandlungen der Königlich Akademie der Wissenschaften zu Berlin*. Aus dem Jahre 1833. Nebst der Geschichte der Akademie in diesem Zeitraum. Historisch-Philologische Klasse. Berlin: Editora da Real Academia de Ciências de Berlin, 1835, p. 41-68.

⁵As informações aqui contidas constam no prefácio à coletânea dos tratados publicados pela Academia, cuja referência apresentamos na nota anterior; destarte, ao que parece esta teria sido uma segunda leitura do tratado, a primeira tendo sido realizada, tal como consta abaixo do próprio título do artigo, no dia 10.01.1833 no mesmo local, assim como a de Ehrenberg também havia sido anteriormente lida em 18.10.1832.

⁶In: RITTER, C. *Einleitung zur allgemeinen vergleichenden Geographie, und Abhandlungen zur Begründung einer mehr wissenschaftlichen Behandlung der Erdkunde*. Berlin: Editora de Georg Reimer, 1852, p. 152-181.

algumas hipóteses podem ser levantadas para dar conta, ao menos parcialmente, deste problema.

No que tange à sua tradução para outras línguas, a despeito de ter sido vertido⁷ para o inglês um pouco mais de uma década após sua segunda publicação, ainda nos idos de 1863, apenas em 1974 o texto ganhou uma versão francesa⁸, apesar de sua recepção e repercussão na França desde há muito ter sido provavelmente maior em relação a qualquer outro país a exceção da própria Alemanha.

Por outro lado, ainda que a língua alemã tenha sido uma barreira importante no sentido de dificultar a sua difusão, ela por si só não poderia ser utilizada como argumento para justificar a injustificável negligência dos geógrafos frente a um texto de tamanha envergadura, já que, como acima mencionado, sua tradução inglesa desde há muito encontrava-se disponível. É razoável supor, por exemplo, que no contexto francês da passagem do século XIX para o XX ele o tenha se tornado conhecido entre alguns geógrafos. Reclus, aluno de Ritter, muito provavelmente o conheceu. Igualmente, a geração de geógrafos franceses ligados a La Blache, grande parte dos quais com proficiência em língua alemã – tendo mesmo alguns deles estudado junto a Ratzel, a exemplo de Brunhes e De Martonne –, eventualmente tiveram acesso ao texto. Destarte, “*Sobre o elemento histórico...*” parece não ter tido uma recepção e ressonância satisfatórias no pensamento de nenhum geógrafo de grande expressão, tendo merecido raras menções, além da já citada de Hettner, também por Hartshorne (1939), Capel (1982) e Claval (2003).

No contexto ibero-americano a situação é ainda mais complexa; o tratado de Ritter passou igualmente quase despercebido em trabalhos cruciais de epistemologia e história do pensamento geográfico, tais como, por exemplo, em Santos (1979), Moreira (1981), Capel (1982), Andrade (1987), Moraes (1989), Gomes (1996) e Valcárcel (2001), muito embora em alguns deles questões afins, inclusive presentes em outros textos do geógrafo alemão, tenham sido suscitadas e, de algum modo, contempladas.

Este seria, portanto, o panorama mais geral no qual se deu o contexto de difusão e recepção de “*Sobre o elemento histórico...*” em alguns âmbitos histórico-culturais.

⁷Há uma tradução deste texto para a língua inglesa contida em “*Geographical Studies by the late Professor Carl Ritter of Berlin*” de 1863, realizada por William Leonhard Gage.

⁸Capel (1982: 76) menciona algumas traduções francesas das obras de Ritter, inclusive a coletânea traduzida por Nicolas-Obadia em 1974, onde o texto em questão, ao que parece, foi vertido pela primeira vez para o francês.

Do texto e com-texto ao intertexto às avesas

Compreendidos os contextos de produção, divulgação, difusão e recepção deste tratado ritteriano, e retomando aquelas pistas iniciais fornecidas por Alfred Hettner e reafirmadas por Hanno Beck, é chegada a hora de buscarmos uma resposta minimamente satisfatória que justifique um retorno, resgate e retomada, por nós geógrafos, de um texto redigido há cerca de 185 anos, reconhecendo nele não apenas as características da transição epistêmica que marcaram o pensamento geográfico de Ritter, mas, sobretudo, o elemento que, do nosso ponto de vista, antecipou uma das mais poderosas interpretações geográficas do “tempo presente”, entendido duplamente como atualidade e como produto da geografia histórica do desenvolvimento desigual do capitalismo.

Obviamente que este tratado de Ritter é por demais rico e complexo, tanto do ponto de vista formal e estrutural quanto do conteúdo, para ser esgotado numa breve reflexão de apresentação/introdução ao texto. Ademais, carrega consigo alguns “pré-conceitos” que o leitor atento logo reconhecerá. Nosso intuito, no entanto, é apenas lançar um olhar possível sobre uma de suas possíveis contribuições, apresentando aquilo que, no nosso entendimento, teria sido um de seus maiores e mais importantes desdobramentos, ainda que de maneira intermediada, dentro do pensamento geográfico.

A rigor, “*Sobre o elemento histórico...*” tem por objetivo maior explicar o projeto ritteriano de Geografia. Para isso, ele procura explicitar sistematicamente as diversas esferas e escalas de atuação da dimensão temporal, do elemento histórico, que marca não apenas a Modernidade, mas também, e de maneira profunda, diga-se de passagem, a Ciência Geográfica. É a partir da dialética destas duas dimensões fundamentais que se retroalimentam, quais sejam, a “geografia da Modernidade” e a “modernidade da Geografia”, ambas ancoradas na ordem da temporalidade e da técnica, que Ritter antecipará, como que heurísticamente, a compreensão daquele fenômeno que posteriormente viria a ser sintética e expressivamente designada por Karl Marx⁹, em seus Grundrisse, como “*Vernichtung des Raums durch die Zeit*” (aniquilação do espaço pelo tempo), sendo reelaborada, mais tarde, por David Harvey como “*time-space compression*” (compressão do tempo-espaço).

Apreendido em sua aparência e compreendido em sua essência por Ritter, este processo – caracterizado

pela superação de barreiras geográficas por meio da criação de novas técnicas de transporte e comunicação com vistas à aceleração das trocas e relações e, por conseguinte, à realização cada vez mais acelerada e ampliada do lucro, processo este responsável pela permanente revolução nos modos de experimentação do espaço e do tempo próprios à Modernidade que, por sua vez, levaram Ritter à apreensão e compreensão deste fenômeno –, permitiu-lhe propor uma Geografia como ciência dos espaços da superfície terrestre, das relações espaciais constituídas concretamente, onde o tempo e a técnica se apresentam como duas dimensões cruciais para as transformações do espaço geográfico.

Seria, portanto, razoável supor, levando em consideração o fato de que a primeira publicação deste tratado de Ritter ocorrera no ano de 1835 e que, segundo BECK (1979: 104), o jovem Marx teria aprendido – durante a sua estadia em Berlim, entre os anos de 1836 e 1841, quando da realização de seus estudos acadêmicos na universidade berlinense –, a valorizar e a avaliar a influência da natureza sobre a história exatamente nas preleções sobre “*allgemeine Erdkunde*” ministradas pelo geógrafo alemão, que este jovem teria tido acesso ao texto ou ao menos às ideias recém concebidas por seu professor de Geografia. Ademais, esta influência lhe chegaria do mesmo modo indiretamente via Hegel, já que não apenas este havia influenciado Ritter, mas também Ritter, como bem demonstrou FOSTER (200: 174), havia exercido influência sobre seu colega de universidade, expressa nas famosas preleções hegelianas sobre a filosofia da história. De modo que não seria nem por acaso, nem mera coincidência o fato de Marx ter absorvido esse entendimento e reconhecido sua importância duas décadas mais tarde nos estudos preparativos para a sua grande crítica da Economia Política.

Para além deste aspecto crucial do tratado ritteriano, o leitor terá a oportunidade ainda de reconhecer outras dimensões e aspectos de seu pensamento geográfico e de sua visão de mundo. Reflexões sobre causalidade e teleologia, a imbricação das esferas do inorgânico, do orgânico e do humano, da particularidade, singularidade e totalidade, da abordagem comparativa e, obviamente, do elemento histórico em suas mais distintas esferas de atuação permitirão ao leitor conhecer um pouco mais de perto a complexidade e profundidade do pensamento deste que, com toda a justeza, foi construído pela historiografia da Geografia, ao lado de seu amigo e compatriota Alexander von Humboldt, como o pai da Geografia moderna.

⁹Das Kapital treibt seiner Natur nach über jede räumliche Schranke hinaus. Die Schöpfung der physischen Bedingungen des Austauschs – von Kommunikations- und Transportmitteln wird also für es in ganz andrem Maße zur Notwendigkeit – die Vernichtung des Raums durch die Zeit. (O capital, por sua própria natureza, transcende todas as barreiras espaciais. A criação das condições físicas da troca – de meios de comunicação e transporte, torna-se, portanto, uma necessidade para o capital numa dimensão completamente diferente: a aniquilação do espaço pelo tempo.) (MARX, 1983[1857-1858]: 430-31)

Referências

- ARANTES, L. Carl Ritter: educador e geógrafo. Niterói, *GEOgraphia*, Vol. 18, N. 36, 2016, p. 207-212.
- ANDRADE, M. C. *Geografia: Ciência da Sociedade*. São Paulo: Atlas, 1987.
- BECK, H. Die Streitfälle Fröbel-Ritter und Peschel-Klöden. *Petermanns Geographische Mitteilungen*, N. 105. Herrmann Haack, Gotha, 1961, 2, p. 105-118.
- _____. *Carl Ritter – Genius der Geographie*. Zu seinem Leben und Werk. Bonn, Inter Nationes, 1979.
- CAPEL, H. *Filosofía y Ciencia en la Geografía contemporánea*. Barcelona: Barcanova, 1982.
- CLAVAL, P. *Causalité et Géographie*. Paris: L'Harmattan, 2003.
- FOSTER, J. B. *A ecologia de Marx*. Materialismo e natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- FRÖBEL, J. "Einige Blicke auf den jetzigen formellen Zustand der Erdkunde" (Alguns olhares sobre o atual estado formal da Geografia) In: BERGHAUS, H. (org.). *Annalen der Erd-, Völker- und Staatenkunde*. Vol. 4., 1831, p. 493-506.
- _____. "Über die Unterscheidung einer Erdkunde als eigentlicher Naturwissenschaft und einer historischen Erdkunde" (Sobre a distinção entre uma Ciência da Terra enquanto ciência natural genuína e enquanto Ciência da Terra histórica) In: BERGHAUS, H. (org.). *Annalen der Erd-, Völker- und Staatenkunde*. Vol. 6. 1832, p. 2-3.
- GOMES, P. C. C. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- HARTSHORNE, R. *The nature of Geography*. A critical survey of current thought in the light of the past. Lancaster: AAG, 1939.
- HARVEY, D. *The condition of the postmodernity*. An enquiry into the origins of the cultural change. Cambridge: Oxford, Blackwell, 1989.
- HEGEL, G. W. F. *Filosofia da História*. Brasília: Ed.Unb, 1995[1822-1831].
- HETTNER, A. *Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden*. Breslau, Ferdinand Hirt, 1927.
- MARX, K. Marx-Engels-Werke. Vol. 42. Berlim, Dietz, 1983[1857-1858]. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- MOREIRA, R. *O que é a Geografia?* São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MORAES, A. C. R. *A gênese da Geografia moderna*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- RITTER, C. Algumas observações sobre o ensino metódico na Geografia. Tradução: Leonardo Arantes. Niterói, *GEOgraphia*, Vol. 18, N. 36, 2016, p. 213-226.
- _____. Über das historische Element in der geographischen Wissenschaft. In: *Abhandlungen der Königlichen Akademie der Wissenschaften zu Berlin*. Aus dem Jahre 1833. Nebst der Geschichte der Akademie in diesem Zeitraum. Berlim: Editora da Real Academia de Ciências de Berlim, 1835, p. 41-68.
- _____. Über das historische Element in der geographischen Wissenschaft. In: *Einleitung zur allgemeinen vergleichenden Geographie, und Abhandlungen zur Begründung einer mehr wissenschaftlichen Behandlung der Erdkunde*. Berlim: Editora de Georg Reimer, 1852, p. 152-181.
- SANTOS, M. *Por uma Geografia nova*. São Paulo, Hucitec, 1978.
- TATHAM, G. Geography in the nineteenth century. In: TAYLOR, G. *Geography in the twentieth century*. New York; London, Philosophical Library; Methuen, 1951, p. 28-69.
- VALCÁRCEL, J. O. *Los horizontes de la Geografía*. Teoria de la Geografía. Barcelona: Ariel, 2001.
- WEHLER, H-U. *Deutsche Gesellschaftsgeschichte*. 1815-1845/1849. Vol. 2. Munique: C.H.Beck, 1987.

SOBRE O ELEMENTO HISTÓRICO NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA (1833)¹

CARL RITTER

As Ciências Geográficas (*geographische Wissenschaften*) têm a ver sobretudo com os espaços da superfície terrestre (*Räume der Erdoberfläche*), até o ponto em que estes são constituídos² terrenamente³ (esteja [tal superfície] atrelada a quaisquer reinos da natureza e dotada de quaisquer formas); [elas têm a ver], portanto, com as descrições e relações da simultaneidade das localidades (*Nebeneinander der Örtlichkeiten*), tanto em suas ocorrências mais específicas, quanto em seus fenômenos telúricos mais universais. Através disso, diferenciam-se das Ciências Históricas (*historische Wissenschaften*), as quais têm de desvelar, investigar e apresentar a sequencialidade dos acontecimentos (*Nacheinander der Begebenheiten*) ou a sucessão e o desenvolvimento das coisas no singular ou no todo, do interior e para o exterior. Uma vez que ambas [as Ciências] partem efetivamente de singularidades positivas evidentes da simultaneidade coexistente ou da sucessão da sequencialidade, porém, logo passando para as relações não-evidentes a serem mensuradas, a princípio, ainda pela Geometria e pela

Cronologia – das quais, todavia, falta a dimensão exterior determinada tanto no mundo espiritual⁴ quanto no mundo físico, destacando ainda mais, ao contrário, a [dimensão] interior, a lei da natureza bem como a dimensão ética –, deste modo, ambas [as Ciências] são, em seus resultados crescentes, na apresentação das relações e das leis, bem como nos desenvolvimentos, instruídas na combinação e na esfera do pensamento, e isso também obriga estas ciências positivas a filosofar.

Pois a simultaneidade coexistente – pensada de maneira pura – da existência das coisas, enquanto uma [existência] real, não existe sem a sequencialidade da mesma. A ciência das relações espaciais constituídas terrenamente (*Wissenschaft der irdischerfüllten Raumverhältnisse*) não pode carecer de uma dimensão temporal ou de uma concatenação cronológica, assim como a ciência das relações temporais constituídas terrenamente [não pode carecer] de um cenário (*Schauplatz*) no qual estas teriam de se desenrolar. A História [*Historie*] necessita de um tal [cenário] para o seu desdobramento; ela terá de registrar consigo em suas formações, por toda parte, seja de maneira pronunciada ou não, um elemento geográfico (*geographisches Element*), também em suas apresentações; seja então na medida em que ela o põe de antemão num grande panorama, tal como

¹Conferência publicada pelo autor em 10.01.1833 nos "Schriften der Berliner Akademie der Wissenschaften" e republicada na coletânea "Einleitung zur allgemeinen vergleichenden Geographie, und Abhandlungen zur Begründung einer mehr wissenschaftlichen Behandlung der Erdkunde" (1852). Tradução de Leonardo Arantes a partir do original em alemão.

²O verbo alemão "erfüllen", cujo particípio "erfüllt" é aqui empregado frequentemente sob a forma de adjetivação e cuja substantivação é realizada por meio do termo "Erfüllung", será vertido aqui para a língua portuguesa como "constituir" ("constituído" e "constituição"). Seu núcleo semântico está associado ao verbo "realizar", "tornar real, concreto", "concretizar".

³Ritter emprega aqui o vocábulo "irdisch", por nós traduzido por "terreno" quando adjetivo e "terrenamente" quando advérbio, de modo a explicitar o caráter teo-teológico que marca a construção de seu projeto de ciência geográfica. Reservamos o adjetivo "terrestre" apenas às palavras compostas constituídas por "Erd-" (ex.: *Erdoberfläche* = superfície terrestre). Já o adjetivo "tellurisch" encontra no vocábulo "telúrico" seu correlato direto em língua portuguesa e assim será vertido ao longo do texto [N.T.].

⁴Os vocábulos em alemão "Geist" e "geistig" tem longa tradição na filosofia alemã e encontram seus correlatos imediatos em língua portuguesa nos termos "espírito" e "espiritual" respectivamente. Termos como "Weltgeist" (espírito do mundo), "Volksgeist" (espírito do povo), "Zeitgeist" (espírito da época) foram cunhados por filósofos e colegas de Ritter (ex.: Herder, Hegel) e extrapolam a sua dimensão cunhada na relação dicotômica corpo-espírito, herdada da tradição judaico-cristã e mais arraigada no núcleo semântico destes termos em nossa língua. Daí muitas vezes a opção por traduções como "mente" e "mental", "intelecto" e "intelectual" etc. Manteremos aqui, contudo, a tradução de ambos por "espírito" e "espiritual", a fim de explicitar a forte ligação de Ritter com a tradição judaico-cristã expressa inclusive por meio de sua incorporação em seu projeto de Geografia.

em Tucídides ou em Johannes Müller logo no início de suas Histórias, seja como em Heródoto, em Tacitus e em outros mestres, entrelaçando-o no progredir de suas apresentações, ou como em outros, perpassando-o e re- tendo apenas o tom ou a coloração do mesmo. Em uma Filosofia da História (*Philosophie der Geschichte*) – tal como a pensaram primeiramente Bacon e Leibniz, tal como a esboçou Herder, tal como se tentou desenvol- vê-la recentemente de várias maneiras –, foi preciso ar- ranjar uma posição cada vez mais significativa para este elemento geográfico, para as relações espaciais do glo- bo terrestre (*Raumverhältnisse des Erdballs*).

Destarte, ainda menos a Ciência Geográfica (*geogra- phische Wissenschaft*) pode carecer do elemento histó- rico (*historisches Element*), se quiser ser uma verdadeira doutrina das relações terrenas do espaço (*eine wirkliche Lehre der irdischen Raumverhältnisse*), e não uma obra malfeita, um compêndio, através do qual sejam dados efetivamente o quadro e a moldura para o exame na ampla paisagem (*Landschaft*), mas não propriamente a constituição espacial (*Raumerfüllung*) em suas relações essenciais e em sua regularidade interna e externa.

A partir disso e desde sempre, o sentimento obscuro bem como a necessidade claramente consciente atrela- ram as Ciências Geográficas às [Ciências] Históricas, e os geógrafos, desde Hecateu, Dicearco e Estrabão, colhe- ram suas mais ricas safras no âmbito da História (*Geschichte*); os povos orientais, como os árabes e sobretudo os chineses, formaram suas Geografias (*Geographien*) quase inteiramente de maneira histórica. Os europeus imprimiram-lhes uma lógica de divisão eclesiástica, na Idade Média, e político-estatística, nos tempos mais recentes, até que a escola moderna, descarregando-se destes lastros estranhos, supôs equivocadamente dever passar para uma assim chamada Geografia inteiramente pura (*reine Geographie*), para compreender a verdadei- ra essência desta Ciência que aceita todas as formas de Proteu⁵.

Se, no entanto, esta reforma segundo divisões natu- rais – que teve início com o Atlas físico (*physikalischer Atlas*) de Buache e o sucinto conceito de Geografia (*Geo- graphie*) de Gatterer –, tivesse sido posta em prática de maneira consequente pelos geógrafos, uma [Geografia] física (*physikalische Geographie*) simples ou uma assim chamada Geografia da natureza (*natürliche Geographie*) teria surgido a partir de sua rejeição de todo [elemento] histórico; assim realizada, poder-se-ia também pensa- -la elaborada, mas seria ainda assim apenas uma parte da Ciência Geográfica em geral, se a concedêssemos o conteúdo completo conforme designação acima, a saber,

“como uma Ciência do Espaço constituído terrenamente” (*Wissenschaft des irdischerfüllten Raumes*). O empobre- cimento e, de certa forma, a paralisia que sempre residiu na base da vida da Ciência Geográfica – assim que esta se despojou de todo enriquecimento histórico para sur- gir de maneira mais pura, naqueles fracos ensaios, sob forma de compêndio – eram tão marcantes, que estes [ensaios] não penetravam de forma alguma, de manei- ra suficientemente aprofundada, na essência da Física geral⁶ (*allgemeine Physik*) para, por um lado, compensar a Ciência por meio da fundamentação daquilo, que, por outro lado, lhe recusavam com referência ao [elemento] histórico. Para proceder de maneira mais segura ainda, eles deveriam realmente partir também do fato de que o elemento geométrico e aritmético, ou o elemento mate- mático fossem banidos de sua Ciência pura. Insatisfei- tos pelas mesmas tendências da época, que se repetem com frequência cada vez maior, as quais, de influência não escassa sobre o sistema de ensino elementar bem como do Ginásio, existiam nas Ciências em geral – e nossa literatura transbordava com uma abundância de manuais e livros de ensino utilizáveis, porém, sem um único compêndio geográfico apenas relativamente sa- tisfatório que pudesse ensejar a Ciência séria –, fica-se então, novamente, como de costume, de um extremo a outro. Insatisfeitos com a [Geografia] pura (*reine Geogra- phie*) ou a Geografia da natureza (*natürliche Geographie*), chegou-se de novo a ver o lado histórico para a signi- ficação superior desta Ciência e esperou-se dar a seus livros didáticos para ensino elementar, assim como para a formação sábia, o verdadeiro adubo e benção superior através da mescla do [elemento] histórico. Como, já des- de cedo, esteve-se na ilusão de manter aquele [elemento histórico] para as Geografias militares (*Militärgeogra- phien*), onde vias, pontes, campos de batalha, fortes, número de tropas, etc. são assinalados, ou para a Geo- grafia política (*politische Geographie*) e para a Estatística (*Statistik*), onde os objetos espaciais (*räumliche Objek- te*) do Estado são colocados lado a lado ou contabiliza- dos consecutivamente, acreditou-se, agora, beneficiar o tronco da Ciência Geográfica e dar-lhe seu verdadeiro valor como que apenas através disso, também exer- tando ainda neste [tronco] os diferentes ramos da His- tória (*Geschichte*). Assim se deu também recentemente, após algumas tentativas mais antigas, o livro didático de Geografia (*Geographie*) da época antiga e mais recente para as escolas básicas (*de Schacht*⁷), no qual, para cada descrição geográfica (*geographische Beschreibung*) de

⁶Importante chamar a atenção para o fato de que por “Física geral” ou “Física” Rit- ter compreende o que naquele contexto era conhecido como “Filosofia Natural” e que hoje designamos de ciência da “Física”, ao passo que por “Física da Terra” e formas daí derivadas como, por exemplo, Física telúrica geral e Física local do lar se remetem respectivamente à Geografia, Geografia Geral e Geografia Regional [N.T.].

⁷SCHACHT, Theodor. (1831) Lehrbuch der Geographie alter und neuer Zeit mit be- sonderer Rücksicht auf politische und Kulturgeschichte. [N.T.]

⁵Na mitologia grega, Proteu é uma deidade marinha que se metamorfoseia quando algum humano dele se aproxima, assumindo múltiplas formas marinhas mons- truosas e assustadoras [N.T.].

lugar (*Ort*) e de região (*Land*) foi acrescido também um apêndice histórico, que contém anedotas históricas instrutivas a partir da História particular (*Spezialgeschichte*) ou também retrospectivas históricas gerais, que se referem àquelas localidades (*Örtlichkeiten*); tal como, por exemplo, uma breve História dos récios desde os tempos mais antigos no Cantão dos Grisões; no vale do Reno, um breve esboço da História da República Suíça, das lutas do romanos e dos francos no Reno; também um esboço da História da Holanda etc.; complementos dignos de reconhecimento, que normalmente foram elaborados de maneira instrutiva e às vezes até mesmo de maneira espirituosa. Deste modo, junto à exigência de uma nova Geografia (*neue Geographie*) para as classes ginasiais superiores surgiu, nos últimos anos, o trabalho de um sábio muito aplicado (de Bolger⁸), no qual, com grande esmero a cada parágrafo tratado, seja referente a regiões (*Länder*) ou povos, cidades ou montanhas etc., a História e a designação dos mesmos nos traços mais concisos, com a descrição executada pela época antiga, medieval e moderna até a contemporânea – que aqui é chamado de Geografia comparativa (*vergleichende Geographie*) – queria apresentar a Ciência da Terra (*Erdkunde*) como um todo de um ponto de vista histórico, a saber, a época antiga e medieval para a escola e, simultaneamente, a época contemporânea e a mais atual para a vida. Também não se pode reivindicar a esta obra, assim como à anterior, uma determinada utilidade. E mesmo sem desconhecer o bem que ambos os trabalhos contêm para nós homens familiarizados, ou sem querer adentrar muito, com críticas, nestes como em muitos outros ensaios afins, é preciso admitir que através deles não aconteceu nenhum progresso científico e, portanto, também nenhum ganho verdadeiro pode provir deles em favor da doutrina genuína – a qual não pode carecer de nenhum ponto da concatenação científica, desde o elemento até o esboço completo do todo.

Pois para esta Ciência [Geográfica] parece ruim que apenas necessite do estímulo da transferência ou da aplicação útil de outras Ciências; ela jamais tocará ou fertilizará também outras Ciências ou a própria vida, se for desprovida de germe próprio de evolução, e a [Ciência Geográfica] natimorta permanecerá sem vida, e não viverá com nenhuma pintura ilusória. Não pertencerá de modo algum às disciplinas para a formação educacional do espírito humano e nem mereceria também nenhum lugar próprio na série de Ciências escolares formativas.

Em virtude de sua própria natureza, a Ciência Geográfica pôde emergir, a princípio, apenas a partir da consideração particular de singularidades locais isola-

das pertencentes aos espaços em concatenação com os fenômenos, do mesmo modo que épocas isoladas [eram consideradas em concatenação] com personalidades históricas – fossem indivíduos reais ou povos, ou reinos inteiros e sistemas estatais –, para crescer gradativamente apenas por meio da abordagem, até que ela aprendesse a alcançar, com o descobrimento do objeto inteiro de sua tarefa, a saber, o globo terrestre inteiro em todas as suas partes, o próprio conhecimento de sua essência, para se elevar da descrição à lei daquilo que é descrito, e não à simples enumeração, mas sim à *doutrina das relações do espaço constituído terrenamente* (*Verhältnislehre der irdischerfüllten Räume*) e à conexão causal de seus fenômenos telúricos locais e universais (*ut cum eventis causæ copulentur*⁹, tal como já muito cedo afirmara Bacon de Verulâmio). No âmbito de sua área, que gira em torno de todas as formações do globo terrestre (*alle Formen des Erdballs*), sua superfície ampla – na concatenação telúrica da esfera terrestre ou em suas partes e estruturas organicamente decompostas pela multiplicidade infinita de seus inúmeros produtos naturais – equivale ao mais colorido mosaico; também neste âmbito de sua área, entrelaça-se ainda a sequência inteira dos tempos.

O que é então, de fato, a tarefa que ela teria a resolver para os espaços do globo terrestre constituídos terrenamente (*irdischerfüllte Räume des Erdballs*) senão a investigação de suas relações completas (*Erforschung ihrer gesamten Verhältnisse*), a saber, as [relações] dos espaços, as [relações] da constituição¹⁰ [espacial] e as relações de ambos [espaços e constituição espacial]. Portanto:

Em primeiro lugar, as relações aritméticas ou a determinação de suas somas, distâncias e grandezas.

A seguir, as relações geométricas dos espaços, ou suas formas (*Gestalten*), formações (*Formen*) e situações (*Stellungen*).

Mas também as constituições materiais dos espaços (*materielle Erfüllungen der Räume*), não segundo as matérias, formações e forças intrínsecas do material em si, e nem conforme suas leis da natureza – pois para isso existem as doutrinas das Ciências da Natureza, da Física e da Química –, mas sim conforme suas relações de difusão (*Verbreitungsverhältnisse*), esferas de difusão (*Verbreitungssphären*) e leis de difusão (*Verbreitungsgesetzen*) sobre a Terra, as quais estas Ciências como que apenas esbarram por acaso, e conforme os fenômenos que provêm de suas combinações dadas terrenamente sob si, tanto para as situações (*Stellungen*), formas

⁸e com os eventos que podem estar conectados" [N.T.].

¹⁰"Constituição" no sentido de "composição", de "concretização", de "realização" (dos espaços), e não no sentido de "um conjunto de normas que dispõe sobre um contrato social". Ver nota 3 [N.T.].

⁸BOLGER, Wilhelm Friedrich. (1832) Lehrbuch der Geographie in drei Cursus für die verschiedenen Schulklassen. Dritter Cursus, oder vergleichenden Darstellung der alten, mittleren und neueren Geographie. 2. Auflage [N.T.].

(*Gestalten*) e formações (*Formen*), quanto para as somas, grandezas e distâncias.

Já que o mundo humano – com suas populações e seus indivíduos espiritualmente animados, os quais, como a maioria destas [populações], ligados à gleba, foram, contudo, mediados, de fato, por esta mesma [gleba] em sua evolução tanto física quanto espiritual –, enfim, já que também este mundo humano pertence de múltiplas maneiras às constituições materiais por meio das forças da natureza e dos três reinos da natureza, seja com a crosta terrestre em sua concatenação telúrico-geognóstica, com a vegetação em sua teia e em seu modo de difusão (*Verbreitungsweise*) ou com o mundo animal nas esferas da vida (*Lebenssphären*) e zonas vitais (*Lebensgürtel*) espaciais de suas várias espécies, por conseguinte, também as relações das condições destes espaços (*Verhältnisse der Bedingungen dieser Räume*) – [relações estas] que podem ser também condições destes espaços – tanto no mundo inanimado quanto nos organismos vivos em geral e no desenvolvimento e evolução em sentido crescente, do ponto de vista espiritual, de indivíduos humanos e povos, e mesmo de toda a espécie humana, seriam necessariamente uma parte importante dessa Ciência Geográfica. Mas se aí também todas as leis – de modo algum estas relações, estas constituições materiais, estas condições e, com isso também todas as combinações daí provenientes – não se estabelecerem, mas sim, por um lado, tiverem sua mudança e progresso próprios atrelados a um grande organismo terrestre, como se estivessem subordinados a um desenvolvimento físico-cósmico particular, por outro lado, porém, a espécie humana, tanto em seus indivíduos como em suas populações, seguir a própria marcha do desenvolvimento segundo leis éticas, embora, tanto em sua individualidade como em sua totalidade – até o ponto em que se tratar da Terra –, for colocada em condicionante conflito com o desenvolvimento físico progressivo do seu lugar de residência (*Wohnort*) – a Terra enquanto planeta –, por conseguinte, também estas relações e condições progressivas – das [relações e condições] físicas às corpóreas e às espirituais – do planeta e de suas localidades com a espécie humana seriam sempre diferentes no decorrer do tempo, como que a pedra angular para a tarefa da Ciência Geográfica.

Seu campo – que a princípio parece penetrar em todas as áreas do saber humano e que, de fato, então, com o desconhecimento da essência de suas tarefas, passa da profundidade para a amplitude e superfície –, rouba a si próprio, por supercrescimento, o produto do fruto mais nobre, este que seria, por conseguinte, seu campo particular, conforme tal consideração, precisa e suficientemente demarcado, para cobrir o [produto] que ele cultiva

frente a cada desvio inconveniente nas áreas vizinhas, para minimizar, através disso, a confusão e o nivelamento do saber, para economizar força e tempo à aplicação em favor do trabalho acerca do central ao invés de brincadeira com pedras.

Apenas esta consideração do todo (*Betrachtung des Ganzen*) é que nos dá a medida das partes (*Maaß der Teile*), medida esta que – após falarmos em um outro lugar acerca das relações aritméticas e geométricas¹¹ dos espaços constituídos terrenamente, das formas dos mesmos segundo dimensões horizontais –, permite-nos também atualmente acrescentar algumas observações mais de perto para a elucidação daquele [todo]; o que, ao invés daquelas anedotas históricas, aparece, do mesmo modo – apenas designado de maneira geral como o *elemento histórico* na Ciência Geográfica –, não tanto para conferir-lhe, através disso, sua significação superior, mas muito mais para não despojar, com é muito comum, sua verdadeira significação.

Devemos fazer emergir aqui simbolicamente para os outros, onde uma investigação criativa deste objeto não fosse exequível, apenas o singular a partir da massa inteira, a fim de encadear nossas observações também de maneira sucinta e de um modo mais compreensível a eles.

Os espaços (*Räumen*), os tempos (*Zeiten*), as formas (*Gestalten*) e formações (*Formen*), as constituições espaciais (*Raumerfüllungen*) em suas construções e organizações no planeta em si – sempre o único e mesmo em seus valores – não permanecem os mesmos em suas relações com o globo terrestre pensado enquanto morada da espécie humana (*Wohnhaus des Menschengeschlechtes*), mas seus valores relativos variam, na realidade, com a progressão dos milênios e séculos. O tipo de constituição espacial torna-se, com isso, diferente para a consideração de século a século, de década a década. Pois se o ser humano, para empregar a expressão de Alexander von Humboldt, cria para si novos órgãos, a fim de enriquecer, com os mais precisos instrumentos que ampliam a esfera limitada de seu aparato sensitivo, mais profundamente na crosta terrestre como abaixo do fundo do mar, e de lá fazer emergir para si a temperatura das profundezas, os tipos desconhecidos de águas, as salinas, os estratos de terra e água mais espessos e tudo que a eles pertence, por meio de batômetro e termômetro, por meio de oscilações pendulares, através de perfurações, poços artesianos e afins, o que acontece aí para outros, enquanto que os espaços constituídos da crosta do planeta se colocam, de fato, em uma relação até então diferente deste habitat (*Wohnplatz*) com o ser humano. E, do mesmo modo como o círculo da visão

¹¹Na primeira edição de 1835 consta o adjetivo “geometrische” (geométrico), enquanto na segunda edição de 1852 lê-se “geographische” (geográfico) [N.T.].

e o do sentimento do ser humano em geral se ampliou ainda mais, de fato, por meio dos órgãos do barômetro, do higrômetro e de outros instrumentos de medição, tal como anteriormente o do telescópio, o do astrolábio e de outras invenções do espírito humano – também aproximando-lhe o mundo exterior na mesma medida –, os relacionamentos das relações espaciais (*Relationen der Raumverhältnisse*) se tornaram outros para o globo terrestre habitado pelo ser humano.

Mas não apenas as distancias para baixo e para cima, mas também as diferenças espaciais (*Raumunterschiede*) para todas as direções são transformadas por meio de progressos semelhantes a um telégrafo universal; sejam órgãos deste tipo inventados recentemente, ou progressos científicos, ou desenvolvimentos culturais, através dos quais os povos aprendem a se disseminar em outros espaços, tal como as plantas e os animais passam de maneira exitosa para outras zonas climáticas – e os distantes confins da Terra até então permanecidos inacessíveis, sejam círculos polares congelados, ou cadeia de picos, ou ilhas oceânicas isoladas, até então quase que à distância lunar, dos quais não existia nenhuma pista da existência para a espécie humana –, foram trazidos consigo para dentro do círculo da comunidade dos povos civilizados. O que parecia não existir antes, emerge aqui à existência; o que antes era distante e inacessível, entra agora em proximidade de contato, até mesmo no âmbito do tráfego cotidiano.

A constituição do espaço (*Raumerfüllung*) se mostra conhecida sobre o globo terrestre sob ambas as formações (*Formen*) de fixo (*Rigiden*) e fluxo (*Flüssigen*), ou de inerte e móvel; às distâncias espaciais (*Raumabständen*) das localidades fixas se somam, portanto, também as diferenças espaciais (*Raumunterschiede*) das formas fluidas ou fluentes, ou os movimentos realizadores do espaço (*räumefüllende Bewegungen*) ao redor do globo terrestre. Suas relações são de tipo duplo: as dos espaços e dos tempos, nos quais seus movimentos se realizam. Este movimento realizador do espaço (*raumfüllende Bewegung*) é, igualmente, de tipo duplo: puramente físico, conforme as leis da Mecânica, da Física, da Química, tal como as distribuições (*Verbreitungen*) e movimentos (*Bewegungen*) dos imponderáveis, do calor, da eletricidade, do magnetismo etc., onde as distribuições (*Verbreitungen*) podem incidir mais ou menos dentro das mesmas fronteiras talvez já com as produções (*Erzeugungen*) conforme o espaço (*Raum*) e tempo (*Zeit*); ou onde [as distribuições] são mais perceptíveis, os movimentos preenchendo real e materialmente o espaço (*den Raum wirklich materiell ausfüllende Bewegungen*), [movimentos estes] que ganharam suas relações de fronteira determinadas no espaço (*Raum*) e no tempo (*Zeit*) ao re-

dor da esfera terrestre, tal como o sistema de circulação do ar, as marés, as correntes marítimas, as metamorfoses espacialmente cambiantes da atmosfera, quais sejam, formações de nuvens, precipitações de todo tipo, e as partes ou corpos terrenos colocados em movimento por meio destas, mas se movimentando continuamente sem resistência e apenas mecanicamente, sejam eles de tipo inanimados ou vivos.

Mas de tipo duplo, nós dissemos, são estas relações, porquanto àqueles [movimentos] apenas físicos (*physische Bewegung*) acrescenta-se um outro, o movimento animado (*beseelte Bewegung*), que se liga à vida terrena do globo terrestre (*irdisches Leben des Erdballs*), na medida em que o ser humano domina o movimento realizador do espaço (*raumfüllende Bewegung*) e o faz portador de seus esforços, tal como por meio da navegação à vela, aerostática ou a tração a cavalo, ou a velocidade da rena ou do dromedário, ou por meio do barco à vapor e outros mais. Através disso, não apenas os espaços do mundo terreno (*Räume der irdischen Welt*) e suas relações mais importantes podem ser trazidos para a espécie humana, de fato, em uma outra situação (*Stellung*), mas também os tempos (*Zeiten*) nos quais aqueles [movimentos] não apenas são descobertos ou simplesmente tocados, mas sim alcançados de modo duradouro, podem realmente ser inseridos na esfera da vida cotidiana dos povos do globo terrestre.

Através disso, as maiores transformações – mais significativas ainda do que aquelas também tão magníficas, tais como através de vulcões, terremotos ou enchentes, ou outros fenômenos naturais destrutivos, os quais inquietam, no momento, todas as atenções –, ocorreram sobre o globo terrestre de maneira completamente gradativa e em quantidade quase despercebida, embora sob o olhar da História (*Geschichte*), mas em sua concatenação com a natureza do planeta, enquanto educandário da espécie humana (*Erziehungshaus des Menschengeschlechtes*), e frente a milênios anteriores a tornaram diferente do que havia sido antes, e a ela efetivaram relações completamente outras de seus espaços constituídos (*erfüllte Räume*). De fato, nisso reside o grande legado da espécie humana também para os milênios futuros, sua morada (*Wohnhaus*), seu abrigo terreno, tal como a alma [para] o corpo, apenas gradativamente, tal como a criança tornando-se jovem, aprendendo a empregar e utilizar sua força e o uso de sua estrutura e sentido e seus movimentos e funções até as exigências mais elevadas do espírito humano. Nisto a sua tarefa se iguala a do agricultor, que aprende a conhecer a roça que ele tem de cultivar, com todo seu talento, apenas gradativamente. Através da animação dos movimentos realizadores do espaço (*Beseelung der raumfüllenden Bewe-*

gungen), o oriente índico foi aproximado, já nos tempos dos fenícios, ao ocidente (*Hesperien*¹²) europeu; através dela, a segunda metade do globo, há tempos pressentida por alguém, mas ainda invisível e mais distante do que o disco da lua, foi unida a ele na época de Colombo; através dela, o hemisfério aquático da Terra isolado a sudeste – o australiano –, com suas milhares de ilhas dispersas, há apenas meio século conectado por toda parte ao – até então separado a noroeste – hemisfério terrestre da Terra, e o mundo costeiro do planeta, antes aparentemente separado, foi elevado a uma unidade em sua esfera completa, em todas as zonas, para o sistema das ciências, tal como para o mundo da cultura e para o mercado da vida comum, do tráfego diário, que em si não permanece sem influência notável na História (*Geschichte*), na Política e na Cultura geral.

Nesta troca das relações físicas do planeta terrestre através do elemento da História (*Element der Geschichte*) reside a diferença essencial da Geografia, enquanto ciência das relações totais da parte telúrica da Terra (*Wissenschaft der Gesamtverhältnisse der tellurischen Seite der Erde*), das partes da Astronomia, a qual, junto à investigação da construção do universo e de nosso sistema solar, também introduz em suas considerações o globo terrestre na sequência dos planetas segundo as [relações] cósmicas, ou conforme as relações do espaço e do tempo absolutos (*absolute Raum- und Zeitverhältnisse*) não mutáveis, mas não segundo as [relações] telúricas relativas (*relative tellurische Verhältnisse*). As mesmas distâncias móveis dos planetas entre si bem como suas translações em torno do Sol sempre igualmente permanentes não implicaram, desde as épocas dos Sesóstris¹³, em nenhuma mudança na natureza de nosso sistema solar, a despeito do deslocamento de nossa conceituação do mesmo; mas as distâncias telúricas visivelmente estabelecidas por meio de formas fixas mudaram e a distância da Índia em relação à costa egípcia de Berenice foi diminuída em duas vezes já entre os ptolomaicos, desde a navegação de Hippalus pelo oceano índico aberto com a ajuda das monções, e tal como foram aproximados, desde então, o litoral daquele mundo índico em relação ao ocidente inteiro por meio do movimento animado das formas fluídas dos elementos!

Entretanto, a Geografia (*Geographie*) enquanto ciência diferencia-se de todos os ramos da Física (*Physik*) e das Ciências da Natureza (*Naturwissenschaften*), as quais frequentemente convergem no objeto com o daquela [Geografia] pelo fato de investigarem igualmente, além daquilo acima já mencionado, as forças da nature-

za e os organismos em si, segundo suas leis internas em seus efeitos e movimentos, mas não na crosta terrestre considerada teluricamente e nem enquanto portadoras dos movimentos animados no fenômeno completo do globo terrestre e nas trocas e transformações resultantes destes [movimentos] para sua existência e sua vida. Por conseguinte, o sistema universal (*Weltsystem*) em si permanece igual em suas relações imutáveis, a serem investigadas de maneira absoluta, tal como a divindade; o sistema natural (*Natursystem*), ainda que encerrasse em si, nos registros dos sábios Salomão e Aristóteles, apenas uma soma restrita de individualidades do mesmo [objeto] diante da multiplicidade e volume atuais, permaneceu sim na essência, conforme suas leis internas, organizações e fenômenos, um único e mesmo em todas as épocas, mesmo quando as esferas de difusão e de cultivo (*Verbreitungs- und Kultursphären*) dos produtos naturais singulares se transformaram diversamente, tal como a quantidade de seus indivíduos. O sistema terrestre (*Erdsystem*), contudo, não permaneceu o mesmo, [estando] determinado também em sua vida cósmica e física, mas de modo algum em sua vida histórica.

Pois, porque este [sistema terrestre] existiu e continuou existindo, é que deveria se rejuvenescer através de nova produção, tal como os organismos vivos isolados [existentes] nele por meio de novas espécies; porém, enquanto círculo telúrico encerrado na tensão particular da existência uma vez realizada, alcançou propriamente em suas partes separadas – não através de quimismo e polarização –, o objetivo terreno da realização já no momento do primeiro vir a ser e de sua formação, igual ao da formação de cristal; por conseguinte, o sistema terrestre (*Erdsystem*) também não poderia, como aqueles [organismos vivos], formar-se sempre de maneira nova e original, não poderia, como esta [formação de cristal], regredir à forma dada anteriormente em meio ao intemperismo e à dissolução. Conservou-se igualmente aos outros planetas de seu sistema solar as mesmas relações cósmicas, tal como aqueles [organismos vivos], mas, no entanto, seus planetas-satélites não sofreram nenhuma mudança individual relativamente reconhecível; nosso sistema terrestre (*Erdsystem*) foi colocado durante seu longo período de existência como uma única e mesma esfera terrena sob influência completa de todas as forças terrenas perceptíveis para nós, sejam as mecânicas, as físicas ou intelectuais, e a progressão de suas influências permanentes que cresceram ou que regrediram se entrelaça com [estas forças] na marcha da história humana.

Tal como espaços e tempos, muitas formações e formas (por meio de soerguimentos, erupções, desmoronamentos, terremotos, enchentes), vários tipos de matéria

¹²Na literatura clássica este termo foi empregado para designar terras à oeste. O mesmo foi retomado por Hölderlin e Schiller, de quem Ritter muito provavelmente o tomou emprestado [N.T.].

¹³Nome de alguns faraós da XII dinastia egípcia que viveram entre os anos de 1971 e 1841 a.C. [N.T.].

(como através de intemperismo e decomposição), muitas substâncias (através do quimismo), muitas forças em suas relações com a Terra tornaram-se outras. As formações mais rudes não permaneceram inacessíveis, muitas formas foram aniquiladas, transformadas, manejadas, suplantadas, quebradas (como, por exemplo, através das forças da natureza, através das vias artificiais, canalizações) muitas matérias foram reconhecidas em sua utilidade, empregadas, transformadas, reduziram-se ou tornaram-se mais comuns (cascalho, húmus, campo de turfa); muitas permaneceram escondidas, não mais que dons individuais de espaços singulares (*einzelne Räume*). Muitos organismos desapareceram completamente ou foram reduzidos em quantidade ou impelidos de alguns espaços para outros. Pensemos apenas nos grupos de petrificações em águas fluviais e marítimas, no deslocamento de plantas selvagens por plantas cultivadas (por exemplo, do Egito e da Lombardia) como de tantas populações por bárbaros ou mais civilizados em toda a Ásia central e na América. Persigamos o desaparecimento de carne oriunda da caça selvagem, de rebanhos, de animais de pele nobre, de bosques, o deslocamento do colosso proveniente do círculo polar e de manadas de elefantes oriundas do centro do continente. – Portanto, forças naturais selvagens que antes eram destruidoras de tudo, também de tipo mecânico, mas também de tipo construtivo, foram domadas ou mesmo tornadas inofensivas; as influências climáticas foram superadas através de meios culturais; o mundo tropical assim como o círculo polar e a outra metade do Velho Mundo, a mais nova, foram europeizados. A escassez de arte e cultura transforma-se em inúmeras localidades em excesso; por toda parte a civilização (*Zivilisierung*) ensina a oferecer obstinação perante à natureza.

E, com isso, não deveria o maior número de espaços do globo terrestre constituídos terrenamente (*irdischerfüllte Räume des Erdballs*), em suas relações relativas (*relative Verhältnisse*), ter alcançado valores inteiramente diferentes frente aos dos tempos mais antigos (*frühere Zeiten*)? Suas situações (*Stellungen*) não deveriam, por disso, ser inteiramente modificadas?

É inequívoco o fato de que as forças da natureza (*Naturgewalten*), em suas influências condicionantes (*bedingende Einflüsse*) sobre a personalidade do desenvolvimento dos povos (*das Persönliche der Völkerentwicklung*), tiveram de recuar cada vez mais na mesma medida em que estes progrediram. Elas exerceram influência muito decisiva (*sehr entscheidende Einfluss*), no início da história humana, enquanto impulso natural (*Naturimpulse*) sobre os primeiros desenvolvimentos no berço da Humanidade, cujas diferenças nós talvez ainda poderíamos perceber na pulsão da natureza (*Naturschla-*

ge) das diferentes raças humanas ou em seus grupos étnicos fisicamente diferentes, de uma época inteiramente desconhecida para nós.

Mas essa influência tinha de diminuir quando o homem individual, no período de vida a ele atribuído, emergia do estado e das restrições da infância, a qual estava muito mais ainda sujeita às influências naturais (*Natureinflüsse*) do que o período da maturidade. A humanidade civilizada, assim como o homem individual, se liberta gradativamente dos grilhões imediatamente condicionantes da natureza e de seu lugar de residência (*Wohnort*). Portanto, as influências das mesmas relações da natureza (*Naturverhältnisse*) e das mesmas situações telúricas no mundo dos espaços constituídos (*tellurische Weltstellungen der erfüllten Räume*) não permanecem as mesmas em todos os tempos (*Zeiten*).

Enquanto apenas para as populações estagnadas a física do globo terrestre (*Physik des Erdballs*) não se move, para as populações em [processo de] civilização (*Zivilisation*) ela é compreendida regressiva ou progressivamente numa permanente oscilação ou metamorfose. Alguns exemplos irão explicar isso satisfatoriamente a partir do próprio processo (*Hergang*) tanto de espaços terrestres singulares (*einzelne Erdräume*), como para os continentes inteiros. O primeiro habitante do vale arenoso do Nilo foi um habitante do deserto, tal como seu vizinho à esquerda e à direita, os líbios, os árabes nômades, ainda hoje o é. Mas o povo culto (*Kulturvolk*) dos egípcios transformou a sáfara, através da construção de canal, no celeiro mais rico da Terra; eles se elevaram acima dos grilhões dos desertos rochosos e arenosos, em cujos centros criaram a paisagem cultural (*Kulturlandschaft*) mais monumental através da sábia distribuição da [forma] fluída por meio da forma fixa (*Verteilung des flüssigen durch die festen Form*), através de irrigação. Da inércia e tirania dos habitantes posteriores até o domínio otomano, uma parte do vale declinou, como a Tebaida, retornando à fávora, ou se tornou, tal como o tão rico Mareotis, paisagens pantanosas. Assim, por toda parte ocorreram mudanças das superfícies horizontais de muitas áreas vastas (*Länderbreiten*), através das quais não só os seus próprios espaços se transformaram, mas também seus espaços vizinhos tiveram de obter situações no mundo (*Weltstellungen*) transformadas em relação à obstrução ou contato e cada tipo de movimento constitutivamente espacial, até os mais elevados tráfegos populacionais e comerciais.

Em certas formações terrestres fixas deve-se arranjar tais influências transformadas não apenas sobre curtos trechos de terras, mas também sobre amplas extensões terrestres. Deste modo, por exemplo, o sul cultivado da Europa era no primeiro século depois do nascimento de

Cristo separado do ainda não-cultivado norte celta e germânico através de um grande divisor natural, por meio da impenetrável e intransponível cordilheira dos Alpes que se impõe à Europa Central inteira de oeste a leste. A sul se encontravam os Estados cultos (*Kulturstaaten*) do Velho Mundo; com a sua vertente norte teve início o norte bárbaro. Contudo, esta formação de um divisor superior direcionado para o alto pela própria natureza, anterior às suas próprias vizinhanças tal como as áreas povoadas, desapareceu no último meio milênio; no último século ela se transformou, por meio da beleza natural (*Naturschönheit*) e da acessibilidade, de uma formação anteriormente obstrutiva em uma região (*Land*) geral de atração de povos para toda Europa. A partir do seu centro, formou-se historicamente, dos selvagens, uma série inteira de povos e Estados cultivados desde Provence a Steyermark, o mais profundo cânion, as maiores altitudes sendo densamente povoadas, com as clareiras as florestas desaparecendo, todos os vales e todas as cadeias se tornando passíveis de serem atravessados, até mesmo convenientes para veículos de carga e transitáveis em quase todas as direções. Da obstrução entre o sul e o norte, como nas épocas de Hannibal e César, originou-se aí uma região (*Land*) de passagem geral para todas as direções. Deve-se admitir que, do mesmo modo como o cavalo selvagem e inacessível da estepe de Turkestan foi transformado em nobre animal domesticado do mundo civilizado, o segmento alpino do círculo terrestre entrou em relações inteiramente diferentes com o seu entorno, e a influência (*Einfluss*) desta grandiosa formação da natureza perde cada vez mais a força conectante e de absorção para os povos. Quando até mesmo a natureza física e a dimensão permanecem quase as mesmas, é o elemento histórico através dos órgãos recém-criados, através do movimento animado, através do progresso da cultura, que ensina os povos a se mover mais livremente de condições naturais (*Naturbedingungen*). A força do ser humano e dos povos se apodera senão continuamente destas condições naturais e as metamorfoseia.

De maneira semelhante, contudo, apenas a meio caminho do progresso em vigor deste tipo, vemos as montanhas da fronteira oriental da Europa, os Urais. A partir de uma formação de fronteira obstrutiva de dois continentes, que tinha se constituído completamente a milênios através de sua função, esta montanha começou há um século, desde o tempo de Pedro o Grande, a se formar como uma região (*Land*) de transição entre a Europa e a Ásia; talvez chegará o tempo, em que sua área de passagem não [será] mais nenhum divisor, como formado no passado, desde o tempo de Heródoto, entre o oriente e o ocidente do Velho Mundo; de fato, esta época parece estar ainda mais perto dele próprio do que do muro mon-

tanoso menos ainda penetrado do Cáucaso selvagem, independentemente deste estar posto muito mais próximo do centro do solo clássico mais antigo da história universal (*Weltgeschichte*). Partindo do ponto de vista de que o elemento histórico penetra na natureza física (*physikalische Natur*) e na situação no mundo (*Weltstellung*) das formações montanhosas de todas as zonas da Terra, desenvolve-se toda uma gama de relações que não podem ser chamadas nem de físicas, nem de históricas, mas que compõe um rico território das áreas telúricas da Ciência Geográfica (*Territorium der tellurischen Gebiete der geographischen Wissenschaft*).

Mas tal como com as formações das planícies, dos níveis de vale, das serras, do mesmo modo acontece com as [formações] dos desertos, dos solos das estepes, das áreas de florestas originárias, das áreas de pântano salgado, das paisagens pantanosas e de outras mais.

Tal como com as partes terrestres e marítimas individuais, assim também acontece com todos os continentes e oceanos. Antigamente, as costas, os mares, os oceanos eram apenas obstruções na esfera planetária; apenas as formações mais voláteis, as da atmosfera, os sobrevoavam. As reservas de metal das diversas partes da crosta terrestre, a vegetação, o mundo animal, o mundo dos povos, todos ganharam apenas mais tarde esferas completamente transformadas de suas difusões espaciais (*räumliche Verbreitungen*); pois antes apenas poucos, tais como as dunas, o coco, a madeira flutuante, o bloco de gelo, ou a caravela-portuguesa, a alga marinha foram rolados de costa a costa pelas correntes atmosféricas e oceânicas. Atualmente, os mares não separam, como antes, as regiões (*Länderteile*) e continentes (*Erdteile*); são eles que ligam os povos, conectam seus destinos, do modo mais conveniente e mesmo mais seguro, desde que a navegação amadureceu enquanto a arte mais completa, desde que o transporte mais rápido e mais fácil se tornou o meio de conexão de todos os povos cultos (*Kulturvölker*) através da animação dos movimentos dos elementos fluidos, os quais assumiram um espaço maior (3/5 frente a 2/5) sobre o círculo terrestre.

O progresso da navegação oceânica tornou outra, de fato, até mesmo a situação inteira das partes da Terra (*ganze Stellung der Erdteile*), dos continentes (*Continente*) e de todas as ilhas em relação às épocas mais antigas.

Como a falésia de Santa Helena – não existente há milênios, tornada conhecida apenas há séculos como estação central para outra travessia, transformada, na segunda década do século XIX, apesar de sua distância oceânica, em uma ilha vizinha de nosso continente (*Erdteil*) –, teria podido ser colocada sob os cuidados das potências europeias?

A navegação da Europa ao Cabo da Boa Esperança, para a qual contribuiu a Marinha portuguesa, a primeira do século XV, por quase cem anos completos (de Dom Henrique o Navegador até Bartolomeu Diaz e Vasco da Gama), antes que pudesse ser alcançada no mesmo cabo, tornou-se, com os atuais conhecimentos mais precisos dos ventos, das correntes, das estações do ano, uma simples travessia de um continente (*Erdteil*) a outro. Pois esta via de 2.000 (1.400 em linha reta) milhas geográficas, entre 50 a 40 graus de latitude mais a norte e mais ao sul retorna regularmente em 55 a 60 dias, e o capitão atravessa, com a fragata à vela, por volta de 40 milhas alemãs a cada 24 horas. Hoje em dia, portanto, o extremo sul da África se encontra realmente há poucos dias do nordeste da Europa, enquanto que antigamente ficava há uma grande quantidade de anos de distância.

Numa viagem à China tendo como ponto de partida o canal britânico até Cantão, ida ou volta, precisava-se, no fim do século XVIII, via de regra, o período de 8 a 9 meses, quando se tinha sorte, ou mesmo mais tempo. Atualmente, esta passagem está reduzida a menos da metade do tempo, a quatro meses, para mais de metade do globo, e raramente são necessários cinco [meses] para isso. Mesmo aqui (em Berlim) no centro do mundo continental (*Landwelt*) recebemos, em 3 de março de 1832, relatórios de Cantão que datam de 16 de outubro, portanto, tinham necessitado de apenas alguns meses para o retorno, que ainda foram detidos nas Filipinas. De acordo com a média dos últimos 13 anos, todos os navios de Londres para Bombaim levaram um tempo médio de 121 dias, os mais lentos necessitando de 142 [dias] de distância, já os mais rápidos 103 dias de tempo para viajar essa distância.

Assim é atualmente com todas as outras viagens oceânicas, e os rápidos navegadores norte-americanos, correspondendo também completamente à necessidade de sua posição (*Lage*) mais insular, com frequência necessitam de ainda um terço menos de tempo para a travessia dos espaços oceânicos (*ozeanische Räume*) do que os navios dos britânicos. O barco a vapor novaiorquino para Liverpool faz bem a viagem de 800 milhas geográficas no período de nem sempre 16 dias completos, percorrendo, portanto, 50 milhas geográficas em 24 horas; a travessia a Londres acontece regularmente em 25 dias. O Oceano Atlântico está, portanto, de fato transformado, através disso, em um estreito ou em um grande canal.

Os mares interiores mais estreitos, as baías, os estreitos já foram muitas vezes circum-navegados pelos barcos a vapor, [tornando-se] pontes marítimas curtas da mais rápida passagem ao contrário do caminho de terra; no norte báltico, ao menos pela metade do ano; no

sul mediterrânico, no Levante¹⁴, durante todo o ano. O Meteoro, instituído como a primeira tentativa de barco a vapor de conexão mediterrânica das estações do Levante de Corfu com a Inglaterra, trouxe as cartas comerciais de Corfu de 3 de março, que partiram de Malta no dia 7, de Gibraltar no dia 10 ao dia 24 de março rumo a Falmouth, tendo ainda uma estadia em Cadiz para receber carregamentos.

Nas regiões de calmarias sobre os oceanos, tal como, por exemplo, nas águas da Etiópia, a navegação mais acelerada ficava antigamente paralisada; a navegação a vapor libertou-se mesmo deste grillhão, pois em tais áreas terríveis suas embarcações atravessam da maneira mais rápida.

Mas também as águas dos continentes, as colossais correntes terrestres perderam o seu comprimento original; elas são muitas vezes encurtadas mesmo em 6 até 7 vezes o seu comprimento verdadeiro e a unilateralidade de sua direção é elevada ao dobro pelo movimento praticado com o vapor, com e contra o seu declive vale acima ou vale abaixo.

O sistema de energia do Mississippi, um dos maiores da Terra, com cerca de 54.000 milhas alemãs ao quadrado, equivalente, portanto, à superfície areal (*Arealfläche*) equivalente a um terço da Europa, irrigado com a rede de seus milhares de afluentes, banha este espaço desde a nascente até à foz, em seu mais longo veio, no Missouri, numa corrente de 730 milhas alemãs de comprimento; e o afluente do Mississippi, o Ohio, o Illinois e outros de seus afluentes não são de comprimento muito mais curto. Cerca de 300 barcos a vapor estão em movimento, atualmente, na rede aquática deste sistema fluvial. Para a exaustiva navegação corrente acima, partindo de Cincinnati pelo Ohio em 100 milhas alemãs (500 milhas inglesas) até Pittsburg, era necessário anteriormente de 60 a 70 dias de viagem; atualmente a mesma distância é coberta em dias. Apenas em Cincinnati foram construídos de 1811 a 1831, em 20 anos, 111 barcos a vapor para as viagens naquela rede aquática, e estes incluídos em todas as correntes ocidentais (*Western Waters*) dos Estados Unidos em geral na soma de 348, dos quais, no ano de 1831, quase 200 (mais precisamente 198) estavam lá em pleno andamento. Louisville no Ohio e St. Louis, a capital comercial em Kentucki, na confluência do Missouri e Mississippi – entre os quais 6 barcos a vapor percorrem sempre uma distância de 126 milhas geográficas (630 milhas inglesas), atravessando-o ida e volta em 10 ou 11 dias, e novamente em St. Louis, de onde o colossal Mississippi desce (240 milhas geográficas, 1200 milhas inglesas) até Nova Orleans, para o estuário, contando sempre, do mesmo modo, com muitos barcos a vapor em

¹⁴“Levante” é um termo geográfico pouco usual nos dias de hoje, que representava a parte mais ao norte do que hoje compreendemos por Oriente Médio. [N.T.]

movimento que realizam a viagem de chegada e partida regularmente em 24 dias, por vezes, também até mesmo em 18 dias –, esses lugares e todas as paisagens (*Landschaften*) a eles pertencentes são, de fato, portanto, curiosamente mais próximos um do outro; todo o sistema fluvial do Mississippi, subindo do golfo mexicano até o lago de Michigan e o lago Huron ganhou, por isso, dimensões inteiramente diferentes, e de Nova Orleans, enfrentando todas as correntes rápidas e subindo as Cataratas Ohio, Pittsburgh foi de início (1816) regularmente alcançada no período de 3 semanas, e atualmente é provável que em períodos mais curtos.

Destarte, as forças naturais (*Naturgewalten*) – de movimento até então indomáveis – dos continentes (*Kontinente*) estão agora subjugadas ao ser humano em todos os sentidos, e o deslocamento de todas as relações continentais para o interior das regiões (*Länder*), a partir das quais todas as correntes provêm, teve de ser uma consequência necessária diante da física até então rígida da crosta sólida da Terra.

Ainda que também em outros continentes a escala colossal destas metamorfoses não possa emergir na América, elas têm implicações, mesmo, por toda parte, seja em maior ou menor escala, nas mesmas consequências, e se originam também já aqui estímulos e conexões até então inesperados, ainda que também, por ora, apenas de menores distâncias, de tipo topográfico, ou para o preço de mercado e distâncias mais próximas ainda, que, todavia, não ficarão sem influência (*Einfluss*) sobre a cultura geral. O intercâmbio dos produtos mais frescos, sem falar também do mercado atacado, é acelerado já quando, por exemplo, os pomares de frutas do Palatinado, de Heidelberg e da região vinícola do Reno (*Rheingau*) abastecem o mercado de Londres através da navegação a vapor no Reno alemão, como foi o caso no ano passado, no período de poucos dias, com as primeiras cerejas e uvas recém-amadurecidas. Também na Índia, o Ganges já comporta seus barcos a vapor à montante e à jusante, de Calcutá até as províncias mais acima de Hindustan, passando por Benares, Agra e Delhi; uma viagem, para a qual antigamente eram necessários em geral um tempo de até 4 meses, atualmente é percorrido dentro de 2 a 3 semanas por meio do rápido barco cargueiro de 24 cavalos de potência. Mesmo o Golfo Bengali agora já está, deste modo, regularmente conectado de maneira ininterrupta, independente da estação do ano, até o Golfo do Martaban com Rangoon, na foz do Irrawaddy, o grande afluente de Awa; mesmo até Singapura, ida e volta, o estreito de Malaca é atravessado em todas as estações de monção. Somente o chinês, que está presente em toda parte, desprezou em Canton a primeira coisa de fogo, tal como ele a cha-

rou, quando lá ele chegou a vê-la pela primeira vez, e enquanto isso, talvez apenas a aparente indiferença é afirmada frente ao progresso do estrangeiro, também as distâncias horizontais permanecerão as mesmas no interior do império chinês, ao passo que elas se transformam em áreas vizinhas, como Austrália, Índia e outros países, em relação de tipo inteiramente diferente. O modo como as relações entre os povos se transformam, por meio de tal movimento animado, igualmente aos espaços paisagísticos (*landschaftliche Räume*), e como que devendo segui-los, é suficientemente conhecido a partir das mais antigas colonizações, da marcha do comércio, das expedições de guerra; e nós nos lembramos, aqui, apenas oportunamente como um exemplo notável da época contemporânea, em vez de todos os outros, da autonomia das embaixadas por meio da navegação de barco a vapor em meio a povos infieis, em que a primeira rápida viagem contracorrente no profundo afluente de Irawadi até a residência da Birmânia em Awa pelo diplomata John Crawford, uma distância de 540 milhas inglesas (108 milhas geográficas) a montante, de Rangoon a Awa, independentemente de qualquer influência local (*Lokaleinfluss*), pôde ser coberta em 20 dias de viagem no navio a vapor Diana, através do qual se obrigou o tratado comercial com a Índia como encerramento da guerra da Birmânia, em outubro de 1826, embora não forçado, todavia, pôde acelerar de maneira incomum.

O mundo meridional australiano também não se encontra mais tão longe da Europa como antes e, por conseguinte, embora ainda não descoberto ao longo de um século inteiro, ele pôde de fato penetrar rapidamente, com progressão inesperadamente acelerada, no circuito cultural da parte continental do planeta histórica e amplamente mais antiga e mais desenvolvida. Ir para a Austrália é agora mais confortável e leva menos tempo do que, por exemplo, no interior do nosso continente vizinho, a partir do qual as primeiras sementes da cultura migraram para nós aqui, a Ásia Central! Esses mesmos espaços (*Räume*) são agora percorridos pela Marinha em outras durações (*Zeiten*); localidades portuárias (*Hafenorte*) – nas margens do Norte como os Mares do Sul, em todas as costas do Antigo e do Novo Continente, bem como em todos os grupos de ilhas –, oferecem asilos, nelas se encontrando seu estaleiro, sua alfândega e seu práctico, e se desenvolvendo estruturas muito animadas do oceano.

A natureza da terra (*Erdnatur*), a física telúrica (*tellurische Physik*) pode ganhar por toda parte, gradativamente, formas e valores inteiramente transformados por meio da dominação espiritual do homem e através do progresso dos séculos, em relação à vida completa dos povos. De fato, ela já os ganhou. O mundo a oeste (*Wes-*

twelt) se tornou muito mais próximo de nós; a América encontra-se afastada da Europa pelo período de apenas 4 a 6 semanas, e assim também com os países oceânicos. A Europa, no entanto, como já foi mostrado em outro momento, permaneceu, dentre os continentes (*Erdteilen*), aquele que está em contato continental e marítimo ainda mais vantajoso com todos os outros, e este contato marítimo seria ainda mais diversificado, do ponto de vista do situação no mundo (*Weltstellung*), e ainda mais notável, após uma abertura no istmo do Panamá, porque então, como já A. v. Humboldt comprovava, as costas leste da Ásia seriam colocadas em contato e em tráfego direto e se tornariam mais próximas das áreas costeiras atlânticas, da civilização europeia ou de toda a metade ocidental da Europa em cerca de 1500 milhas geográficas, que representa em torno de um quarto da extensão da Terra, na medida em que por meio desta [abertura] estaria realmente em condições – o que o audacioso Colombo buscou –, com o que este grande descobridor tinha se enganado tão perspicazmente, passando por sua península Malaia, pois que ele tinha por conhecido sua Índia ocidental como a Índia oriental de Ptolomeu.

A formação da esfera telúrica da Terra ainda não alcançou de modo algum, portanto, a sua finalidade (*Endschafft*¹⁵), a sua realização (*Vollendung*); a ela se apresentam – é preciso pensar apenas em uma abertura não impossível do istmo de Suez, do Levante ao Oriente – transformações ainda maiores nas épocas históricas do que antes nas épocas pré-históricas, nas quais aquela série de dunas de areia de Suez provavelmente ainda não separavam os mares opostos, os quais também ainda não ligavam, portanto, ambos continentes existentes à margem. Mas já podemos ver, a partir daquela alusão à Europa, como certos locais do planeta (*Planetenstellen*) podem ser dotados de certas capacidades de desenvolvimento a favor do sistema terrestre (*Erdsystem*) total ajustável, isto é, preferencialmente apto ao desenvolvimento frente a outros, que não parece invocar nem recorrência uniforme, nem repouso dos fenômenos, tal como em um relógio humano, junto ao qual entra em circulação os planetas, nem de modo algum também qualquer parte do mesmo a este respeito ao desenvolvimento similar. Diante deste progresso notável na parte costeira da Terra, o continente do Velho Mundo, embora progredindo como um todo, e mesmo parcialmente, de certo modo se voltou, conforme relações de tempo e distância, bem como segundo suas culturas, para o leste. Ele projetou seu antigo centro cultural na parte costeira, direcionou seu interior para o exterior e, por outro lado,

mergulhou de várias maneiras no centro do deserto. Pois essas áreas latitudinais da Ásia Central (mantidas todas as relações), aparentemente muito menos que antigamente, por exemplo, no tempo de Alexandre, ou na Idade Média, nas épocas dos califados ou das cruzadas, estão em conexão, em tráfego de trocas apenas entre si nas vias terrestres por meio de rodovias, intercâmbio de produtos, progresso cultural, tradição e vendas de todos os tipos; ao contrário, este [tráfego de trocas] se realiza apenas predominantemente por vias aquáticas através do mundo costeiro asiático e pelas zonas costeiras aproximadas. O interior foi fechado de várias maneiras.

A Índia oriental e a Índia ocidental, todo o arquipélago Malaio, poderiam ser vistos, hoje em dia mais do que antes, tal como mesmo a espacialmente tão avizinhada Geórgia transcaucasiana, enquanto partes realmente integrantes da Europa, da Europa Ocidental, Grã-Bretanha, Holanda, França, do mesmo modo como as estruturas marítimas do mundo europeu, que estão em contato permanente, em tráfego mútuo ininterrupto, independentemente de suas vastas distâncias. Suas localidades (*Örtlichkeiten*), que se encontram aparentemente muito distantes umas das outras, tornaram-se locais do planeta (*Planetenstellen*) muito mais aproximados e relacionados por meio do movimento animado de ir e vir de seus entre-mares e através dos vários entrepostos e passagens. E eles são mais distantes do que, por exemplo, hoje em dia, a região interligada de forma natural da nascente e da foz do leito do Eufrates e do Tigres, do que a área de nascente e foz do sistema de Giom e outros, mais distantes do que tantas regiões-ponte (*Binnenland*) delimitadas topicamente uma da outra, como Bengala com o Tibete, a Pérsia e o Afeganistão com a Sogdiana ou Caxemira, a Síria com a Ásia Menor, e estas novamente como toda Armênia, Cáucaso e Bucara, os territórios continentais ocidentais chineses entre si e com a Europa Oriental. Há séculos o sudeste da Europa e Ásia ocidental mediana podiam, de fato, ser vistos tão bem quanto completamente separados em seu lado oposto continental, independentemente de sua junção adjacente. Através da cadeia montanhosa do Cáucaso e dos montes Tauro até então quase não conectados, mais pelas estepes dos quirguizes e turcomanos, pela enraizada barbárie e tirania das hordas turcas e, finalmente, ainda mais pelo poderoso muro separador da religião de todos os muçulmanos, especialmente os otomanos contra todos os povos cristãos.

Mas quão violentamente penetram tais elementos históricos na natureza do globo terrestre (*historische Elemente in der Natur des Erdballs*); fala por si só a superfície da Ásia Ocidental inteira, e mesmo a daquela, antigamente tão florescente, paradisíaca Sogdiana, da tão

¹⁵O emprego do vocábulo germânico "Endschafft" ao invés de "Zweckmäßigkeit" denota, mais uma vez, o caráter teo-teleológico e mesmo escatológico da perspectiva de Ritter, porquanto a segunda está atrelada a uma perspectiva teleológica secularizada, enquanto a primeira tem uma clara conotação de fim ou finalidade enquanto estágio terminal, último, e mesmo ligado ao momento do juízo final.

rica Ásia Menor – agora em magníficas ruínas. A partir da consideração do mundo sobre as estados espaciais de nosso planeta (*Weltbetrachtung über die räumlichen Zustände unsers Planeten*), em suas relações completas, tais forças obstrutivas (*hemmende Gewalten*) podem ser tão pouco instrutivas quanto as [forças] fomentadoras (*fördernde Gewalten*), se a ciência não fornecer mesmo a solução para o problema da tarefa das individualidades (*Individualitäten*), dos fenômenos, [ciência] que quer em toda parte destacar, enriquecer a partir de generalidades e, deste modo, omitir a característica de tempo dos espaços do planeta (*Zeitcharakteristik der Planetenräume*), a qual assume um valor semelhante na apresentação do todo (*Darstellung des Ganzen*), tal como a biografia – ou o caráter das personalidades atuantes conforme o tempo – assume na História (*Geschichte*). Sem esta [característica de tempo], seria também completamente impossível ignorar de certa forma a multiplicidade dos fenômenos espaciais na esfera do planeta (*Mannigfaltigkeiten der räumlichen Erscheinungen auf den Planetenrund*), e o tipo de discurso convencional de um modo uniforme de tratamento na depuração geográfica (*geographische Abfertigung*) das regiões (*Länder*), povos e Estados da Terra seria igualmente vazia de conteúdo, tal como a realização equivalente à história universal (*Universalgeschichte*), ou o modo de discurso outra tão popular de uma igualdade de direitos humanos. A única contemplação que também já seria satisfatória por não rejeitar aqueles elementos históricos da Ciência Geográfica, se levássemos em consideração que mesmo as relações físicas dos espaços terrestres (*physikalische Verhältnisse der Erdräume*) em sua verdadeira luz só se destacariam completamente apenas quando fossem concebidas e conceituadas inteiramente em suas reverberações sobre o homem e sobre o curso da história (*Geschichte*), a lei examinada pelo naturalista (*Naturforscher*), pelo físico (*Physiker*), daria sempre apenas o conceito, a definição, mas não o conteúdo completo do fato, do fenômeno, porque apenas a lei é a chave do fato do [elemento] histórico.

Se, teoricamente, as linhas retas são as mais próximas, do mesmo modo o são na Física da Terra (*Physik der Erde*), a qual em geral instrui de volta a aplicação do conceito puramente matemático, como de costume as curvas, que se dirigem por estas individualidades da esfera telúrica da Terra (*Individualitäten des tellurischen Erdrings*) repartidas de maneira muito desigual; e a distância da estrada direta muito mais curta de 1500 milhas geográficas entre Kronstadt no Neva e o porto de Pedro e o de Paulo em Camecháteca, pode ser superada apenas durante a metade do inverno, enquanto o manto de neve cobre a Sibéria, através de estradas de terra e igualmente

pelas rotas marítimas. Para todos os sistemas de transporte em geral, mesmo em torno da periferia de todo o Velho Mundo ou do Novo Mundo, a rota marítima é aqui a mais próxima aos objetivos mais vantajosos.

O menor grupo de ilhas nos vastos oceanos do mundo aquático, tal como de certo modo o das ilhas Sanduiche, na encruzilhada aquática existente entre os três continentes, pôde ganhar influência não insignificante através da formação portuária, da construção naval, por meio de autodesenvolvimento nos preços de mercado de certas movimentações, tais como o comércio de peles para a Rússia, China, América do Norte e para o curso do comércio de todos os três continentes, Ásia Oriental, Austrália, América ocidental; de fato, um ponto em um local da esfera terrestre – situado vantajosamente e intervindo de maneira estimulante, por meio de sua natureza local (*locale Physik*), na duração do tráfego, no desenvolvimento histórico –, pode ganhar a maior influência (*Einfluss*) sobre o oceano ou arquipélago pertencente, mais significativo até do que uma área de muitas milhas quadradas, através dos momentos corretamente medidos já no menor número de anos, de uma década, tal como antigamente na Alexandria – Ormuzd – ou Macau – o Havana – e como atualmente o porto livre de Singapura. E do mesmo modo que a Terra do Cabo (*Kapland*), com aquela situação mundial dos continentes (*Weltstellung der Erdteilen*) completa e repentinamente transformada desde o início do século XVI, teria sido somente mais tarde elevada à Colônia dependente do Cabo (*Kapkolonie*) para fins de comércio privado de imigrantes holandeses, e nas últimas décadas apenas pelos britânicos como entreposto mundial político e comercial na parte sul do oceano, assim também aquele notável promontório no sul do Velho Mundo, tratado adequadamente naquele período de tempo, teria podido tornar-se influente por sua localidade única para o destino de todo o hemisfério sul da Terra!

Que curioso curso mais rápido de desenvolvimento não se tem atualmente, e certamente ainda mais do que antes, com desenvolvimento harmônico progressivo dos grandes cinturões de costa entre os circuitos terrestre e aquático, o ponto do planeta (*Planetenstelle*) na Austrália dentre todos talvez o mais vantajoso, a saber, a ilha Van Diemensland, o antípoda europeizado da Grã-Bretanha! Apenas pelo fato de que suas relações físicas propícias para a formação de costas e porto, a natureza do solo, a irrigação, o clima, com a situação no mundo (*Weltstellung*) mais vantajosa para o mundo austral em relação aos outros continentes, frente aos movimentos dos mares e do vento e com a livre colonização europeia reunidos no mesmo espaço terrestre (*Erdraum*). E, por conseguinte, o seu desenvolvimento se mostra na

progressão mais exponencialmente elevada, porquanto a metade sul da Terra, com maior riqueza insular, e de fato menor do que a metade norte do globo terrestre, foi beneficiada pelas formações continentais aptas ao desenvolvimento; mas esta ilha, também por causa de seu tamanho em área, assume um dos locais mais distintos dentre as áreas de superfície austral com o mesmo solo fértil que o europeu para agricultura, cuja renda enseja lucro ainda maior apenas com a realização da navegação.

Se, portanto, o Velho Mundo teve de limitar o cenário (*Schauplatz*) de suas Histórias (*Geschichten*) apenas à estrita *Orbis Terrarum* dos romanos, se a Idade Média o estendeu já por toda parte até os confins mais extremos das estruturas do Velho Mundo, para o norte, sul e leste de sua grande trincheira (*Landveste*), deste modo, a história da época contemporânea estendeu a sua rica teia de acontecimentos sobre todo o globo terrestre. O elemento histórico, portanto, penetra de muitas maneiras diferentes, em muito tempos distintos, na Física do globo terrestre, mas também em progressões e maneiras muito diversificadas.

Pois nos séculos e milênios anteriores, quando por toda parte as espécies de povos eram mais dependentes de seus lares (*Heimat*) e de si mesmos, eles quase não foram tratados pela Física telúrica geral (*allgemeine tellurische Physik*); entretanto, tão mais poderosa, a Física local do lar (*locale Physik der Heimat*), a natureza pátria penetrava nas individualidades dos povos e Estados. Daí emergiram do mesmo modo os [povos] mais nobres bem-dotados, elevando-se à cultura a partir da esfera mais estrita dada a eles mais individualmente e mesmo mais harmonicamente realizado no fenômeno, em formas e caracteres históricos mais belos e mais determinados do que os [povos] dos tempos mais recentes. Intocados pelo estrangeiro, estes [povos] ampliaram suas veias inteiras e todas as estruturas, com suas forças e dons que alimentam, ainda mais ao céu e ao solo natais – [solo este] que penetrou em toda sua força virginal. Através disso, surge com eles, em grande unidade, todo nacional também realmente pátrio e natal; assim como com os egípcios, persas, hebreus, também como com os helenos e italianos, quando ainda não preexistia nenhuma forma moderna de transplantação ou colonização, intercâmbio, tráfego por meio de saída e retorno para e do estrangeiro ao desenvolvimento da cultura no lar, a fim de se obter ganhos ainda maiores para a coletividade (*Allgemeinere*).

A História (*Geschichte*) antiga não trazia no seu solo natal, tal como a [História] contemporânea, o ornamento do estrangeiro inteiro, mas sim sempre apenas seu fruto natal, porém, o [fruto] completamente mais maduro,

tal como a mais nobre tâmara cai apenas da palmeira líbia, tal como o cedro mais sublime cresceu nas fontes do Jordão e no Líbano, tal como o plátano dos helenos eleva sua mais magnífica copa de folhagem em torno da costa do arquipélago dos helenos tanto do lado europeu quanto do asiático e tal como o pinho expande sua copa de tipo ramificado sobre o solo italiano.

Antigamente, a maior aproximação espacial dos três continentes do Velho Mundo existia ainda em alcance satisfatório para servir de pano de fundo, pela multiplicidade interior, ao solo clássico da História universal (*Weltgeschichte*); antigamente, os elementos mais simples tinham ainda maior significação. Mas com a conexão do mundo pelos oceanos, as relações daquele máximo unilateral de aproximação perderam sua significação preponderante para o todo. Para um julgamento correto de suas relações espaciais, de acordo com a situação recíproca (*gegenseitige Stellung*) de suas terras (*Länder*) e seus povos, precisou-se acrescentar desde então aos continentes ainda também os oceanos com os seus movimentos.

Existe, portanto, uma outra Física telúrica (*tellurische Physik*) também para a época antiga, uma outra para época moderna, e se nós caracterizássemos realmente o *Orbis Terrarum* com suas oportunas ampliações conforme as distâncias espaciais reais e as áreas de superfície de maneira matematicamente exata para aquela e a Idade Média, assim, nós precisaríamos inventar para esta [época moderna], a época contemporânea, além daquela informação correta sobre as relações espaciais (*Raumverhältnisse*), [inventar] também ainda a arte do gráfico para o registro igualmente correto das relações temporais (*Zeitverhältnisse*), nas quais estes espaços realmente pudessem ser alcançados e recortados e entrassem de maneira recíproca no tráfego verdadeiramente vívido, seja por movimentos físicos ou [por movimentos] animados. Ou nós precisaríamos entender de unificar a combinação de ambos [os movimentos] em uma imagem total (*Totalbild*), por exemplo, através de várias fatias do globo visíveis, interpenetrantes, ajustáveis, ou por meio de deslocamentos particulares de lugar, ou através de outros recursos.

Mas como, então, alguns espaços encolheriam, outros se expandiriam, as altitudes cairiam, as passagens se multiplicariam; a figura da Europa permaneceria igual na maioria das partes, e em algumas partes menos, recobrimo as mais antigas e mais recentes relações de tempo e espaço (*Zeit- und Raumverhältnisse*). Mas na Ásia, o mundo costeiro do sul contrair-se-ia de maneira muito intensa, a fim de circunscrever a Ásia Central, ainda inteiramente recuada em obstrução pronunciada com as linhas de costa, e, deste modo, quase em todas as partes

da crosta do planeta emergiria a incongruência de ambas as relações, as mais raras imagens distorcidas das formas positivas inanimadas. Mas a recordação de tais deslocamentos e imagens distorcidas nós evocamos atualmente apenas porque eles mostram claramente por oposição mesmo, a quais distorções nosso mundo conceitual sob a aparência mutável de verdades positivas realmente se entrega e está submetido, quando capturamos nas relações telúricas, tal como até agora, apenas o inanimado ao invés do animado, e, desapercibidamente, deixamos o elemento histórico ficar de fora da Ciência Geográfica, completamente banido dela, ou até mesmo deixamos algo ter validade apenas parcialmente aqui e ali, onde eventualmente poderia ser discutido novamente por um ou outro autor, sem, no entanto, incluí-lo na sistemática desta ciência como um elemento integrante.

Mas quão equivocadas teriam permanecido ainda as representações de nosso sistema solar se nós tivéssemos querido atentar com isso apenas para a distância do sol permanecendo a mesma e as distâncias dos planetas, como antes, e não para as divergências da lei kepleriana e das teorias da atração newtoniana, as quais determinavam por toda parte as perturbações das órbitas planetárias ou o sistema harmônico de seus verdadeiros espaços e tempos de circulação. Tal como aquelas relações e leis da atração atuam sobre a órbita dos planetas de nosso sistema solar, do mesmo modo também a marcha dos tempos constituídos historicamente por meio de atração e repulsão determinam as perturbações dos espaços do nosso sistema terrestre (*Erdsystem*) e suas funções.

Ainda que aquela imagem distorcida do globo terrestre animado pelo próprio organismo, ou seja, apenas aquele lado meramente matemático, fosse o panorama inanimado do mapa, se este quisesse se medir, servindo como a imagem da vida cheia de conteúdo da intuição, isso é pouco ideado e quase não ocorre em nossa consciência no mercado de nossa literatura cotidiana.

Tudo que foi dito poderia parecer suficientemente bem para distinguir exatamente a mistura histórica meramente acidental do elemento (necessariamente) histórico da Ciência Geográfica, o qual ocorre não de maneira ociosa, mas sim criativamente, em toda parte como razão co-condicionante (*mitbedingender Grund*) dos acontecimentos.

Também poderia ser demonstrado que existe uma sistemática geográfica (*geographische Systematik*), e que em seu objeto bem como em todos os organismos, a parte só pode ser entendida a partir do todo vivo, sem o qual cada consideração da parte permaneceria incompleta, unilateral, não-científica.

Esta consideração científica da parte acerca dos es-

paços regionais (*Länderräume*) enquanto partes reais ou estruturas pertencentes a um todo planetário, seja ela física, etnográfica, ético-politicamente, seria a tarefa da Geografia especial (*Spezialgeographie*), a qual não possuímos ainda, e apenas nestes dois ramos das descrições geral e especial a Geografia dos Estados (*Staatengeographie*) poderia penetrar de maneira verdadeiramente científica.